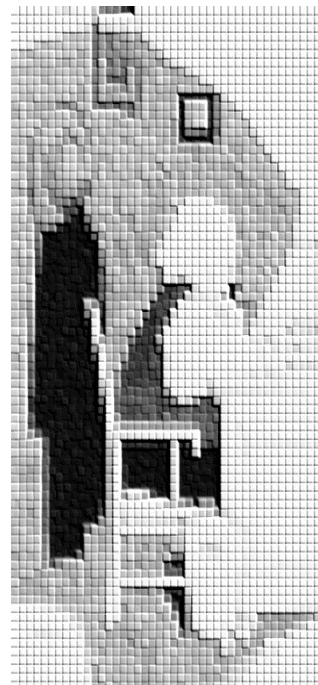

BLOG EXPEDIÇÃO KARL MARX: PARA LER *O CAPITAL*

SEÇÃO PRELIMINAR

CONHECENDO KARL MARX: UMA INTRODUÇÃO

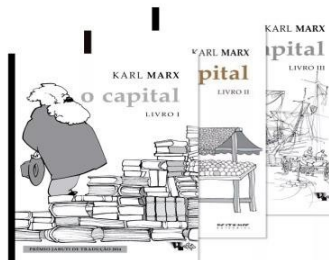
PENSAMENTO ECONÔMICO

ARRAZOADO E SINOPSE DO LIVRO **O CAPITAL**



ARRAZOADO E SINOPSE DE *O CAPITAL*¹

O capital, subtítulo *Crítica da economia política* (em alemão: *Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie*), é a obra máxima e a mais conhecida do filósofo, intelectual e revolucionário alemão **Karl Heinrich Marx**.



Para efeito do itinerário da presente “expedição” literária, o estudo d’*O capital* constitui seu ponto de chegada, visto que apresenta o resultado daquela que é considerada a mais profunda investigação crítico-científica do capitalismo empreendida até os dias de hoje.

Com o intuito de contextualizar o leitor sobre o que vamos encontrar na última e principal etapa da nossa “caravana” literária, quando buscaremos reproduzir por meio de artigos expositivos o conteúdo dos quatro livros da obra definitiva de Marx, expomos, nesta oportunidade, as suas linhas gerais, os principais conceitos ali contidos, bem como uma sinopse dos livros que a compõem.

Conforme anuncia Emerson Santiago, *Das Kapital* é a exposição de “um minucioso exercício investigativo”, desde “as suas mais obscuras origens”, sobre a formação e desenvolvimento das relações socioeconômicas no âmbito do modo de produção capitalista, ou **Capitalismo**.²

1 Autor do texto: Rui Eduardo Silva de Oliveira Pamplona, bacharel em Ciências Econômicas e Direito; pós-graduado em MBA Agronegócio, MBA Executivo em Gestão Financeira e Especialização em Direito. A imagem exibida na primeira página deste texto reproduz a gravura de capa do livro *Grundrisse*, da autoria de Karl Marx, publicado no Brasil pela Boitempo Editorial em 2011 (Disponível em <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/grundrisse-311>. Visto em 20.04.2020).

Igualmente foi extraída do site da Boitempo Editorial a imagem das capas dos três livros d’*O capital* replicada nesta página (Disponível em <https://www.boitempoeditorial.com.br/conteudos/autor/karl-marx-69/page=2>. Visto em 22.05.2020).

Por oportuno, aproveitando o ensejo desta primeira Nota, pomos mais uma consideração. Em vista do uso corriqueiro na literatura sobre Karl Marx de expressões derivadas do seu nome, como “marxiano(a)” e “marxista”, para identificar o interlocutor a que se referem, o que aqui não será diferente, vale mencionar os critérios que utilizaremos para também empregá-las neste texto. O termo “marxiano(a)” será adotado para fazermos referência aos escritos e pensamento do próprio Marx. Já o vocábulo “marxista” será tomado quando da menção àqueles que buscam interpretar, não sem divergências entre si, o amplo campo do pensamento sociológico, econômico, político e filosófico de Marx e sua análise metodológica desses aspectos, na defesa de uma prática política transformadora e revolucionária da sociedade; que, em seu conjunto, se denomina “marxismo”.

2 SANTIAGO, Emerson. **O capital**. Disponível em <https://www.infoescola.com/livros/o-capital/>. Consultado em 22.05.2020.

O vocábulo “capitalismo” advém da combinação da palavra “capital” com o sufixo “ismo”, que, por sua vez, exprime a ideia de sistema, entre outros sentidos (Disponível em <https://pt.wiktionary.org/wiki/capitalismo#Etimologia>. Consultado em 23.05.2020). Em conformidade com o site *Wikipedia* (in <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>. Visto em 23.05.2020), “A palavra ‘capital’ vem do latim *capitale*, derivado de *capitalis* (com o sentido de ‘principal, primeiro, chefe’), que vem do proto-indo-europeu *kaput* significando ‘cabeça’. A expressão *capitale* surgiu na Itália nos séculos XII e XIII (pelo menos desde 1211) com o sentido de fundos, existências de mercadorias, somas de dinheiro [parte principal de uma quantia investida, excluídos os juros e rendimentos que ela pudesse trazer] ou dinheiro com direito a juros. Em 1283 é encontrada referindo-se ao conjunto de bens de uma firma comercial”. De acordo com o site *Dicionário Etimológico* (in <https://www.dicionariometimologico.com.br/capital/>. Visto em 23.05.2020), nessa época, “o termo significava ‘o que está acima dos outros; principal, dominante’, como se vê ainda hoje, quando dizemos que algo é de capital importância, quando falamos nos sete pecados capitais e quando chamamos de capital a cidade em que fica a sede do governo. [...] Pouco a pouco, com o desenvolvimento da Economia Política, o sentido foi sendo ampliado, até que, no séc. XIX, passou a significar ‘a riqueza considerada como meio de produção’, por oposição ao ‘trabalho’, relação que Karl Marx analisou no clássico *O Capital*”. Derivado da expressão “capital”, o vocábulo “capitalista”, por sua vez, foi utilizado em meados do século XVII para fazer referência “aos proprietários de capital”. David Ricardo ^[sobre o qual versamos adiante, em Nota própria], na sua obra *Princípios de Economia Política e Tributação* (1817), também fez uso da expressão com o mesmo

Como o próprio subtítulo da obra sinaliza, por meio da crítica da economia política, Karl Marx busca compreender **como o capitalismo funciona**. Este é o escopo de *O capital*.

Nesse rumo, Marx procura desvendar os conceitos e leis que estão por trás dos processos de produção, circulação e de distribuição do capital, bem assim de reprodução social da vida material, desenvolvidos nas sociedades burguesas (ou sociedades capitalistas).

Em linhas gerais, portanto, podemos assinalar que a obra definitiva marxiana, a partir do **estudo crítico da economia política**, examina a **sociedade burguesa**, constituída com a dominância do **modo capitalista de produção**, com foco no seu componente central, o **capital**, em sua dinâmica e movimento.

Para efeito do aqui proposto, iniciamos este arrazoado procurando conceituar os elementos centrais que compõem a investigação marxiana, citados no parágrafo anterior, a começar pela ideia de **crítica** em Marx.

Na companhia do professor José Paulo Netto, o que Marx chama de “crítica”, uma “expressão reiterativa em suas obras”³, possui duplo significado: “no primeiro nível, realizar uma crítica teórica é trazer à consciência (conhecer racionalmente e explicitar) os fundamentos de algo, de uma ideia, de um processo, de um evento histórico; no segundo nível, seguindo Hegel⁴, criticar algo teoricamente é tomar esse algo (fenômeno, processo ou ideia), apropriar-se dele e negá-lo, isto é, ultrapassar as limitações sócio-históricas desse algo – superar –, no sentido de incorporar o que há ali de válido, mas colocando a substância válida em outro plano, numa dimensão mais alta que vá além da formulação original” – é, portanto, “tomar, negar e superar” as limitações desse algo⁵. É dentro desse esquadro que Marx desenvolve sua teoria crítica em *O capital*.

Porém, não basta saber o que é crítica para Marx. É preciso conhecer qual o marco teórico da crítica marxiana em sua obra definitiva. Neste ponto, adentramos no segundo conceito da investigação teórica de Marx, ainda que a título de uma noção básica: a **Economia Política**⁶.

sentido. Daí para frente o termo foi utilizado por vários escritores, como em 1823, pelo poeta inglês [Samuel Taylor Coleridge](#) (1772-1834) e, em 1840, pelo filósofo socialista “utópico” francês [Pierre-Joseph Proudhon](#) (1809-1865), em seu trabalho *O que é a propriedade?*, associando-o igualmente aos “proprietários de capital”. Oito anos depois, em 1848, Karl Marx e [Friedrich Engels](#) (1820-1895), na obra *Manifesto do Partido Comunista*, utilizaram a palavra para se reportarem ao “proprietário privado de capital”. Já o vocábulo “capitalismo” surgiu “em 1753 na *Encyclopédia*, com o sentido estrito de ‘estado de quem é rico’”. No entanto, “de acordo com o *Oxford English Dictionary* (OED), o termo foi usado pela primeira vez [em 1845] pelo escritor indiano [William Makepeace Thackeray](#) (1811-1863) em seu trabalho *The Newcomes*”, com o significado de “estado da posse do capital”. Também fizeram uso da expressão o socialista francês [Louis Blanc](#) (1811-1882), no ano de 1850, e, novamente, o filósofo Joseph Proudhon, em 1861. Marx e Engels foram “os primeiros” a utilizar o termo “capitalismo” no sentido de “sistema econômico ou modo de produção”, sendo assim empregado no Livro I de *O capital*, em 1867 (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>. Visto em 23.05.2020).

3 Assim se percebe nas obras “Elementos fundamentais para a crítica da economia política (*Grundrisse*)”, “Introdução (à crítica da economia política)”, “Para a crítica da economia política” e em “O capital: Crítica da economia política” (grifo nosso), para ficarmos apenas nas obras marxianas de economia política.

4 Sobre o filósofo idealista dialético alemão citado no parágrafo em Nota, veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel.

5 NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=Dl3Yocu-1oI> (minutagem:1h:43min). Visto em 22.05.2020.

6 A expressão “economia política” foi originalmente introduzida em 1615, pelo economista francês [Antoine de Montchrestien](#) (1575-1621), em seu livro *Tratado de Economia Política*, com o objetivo de “transpor para a atividade estatal as ideias e os princípios da Economia” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_pol%C3%ADtica.

No artigo *O Encontro de Marx com a Economia Política*, o professor Marcello Musto revela que “a economia política não foi a primeira paixão intelectual de Karl Marx”. De acordo com Musto, o pensador revolucionário alemão já havia debruçado sobre questões econômicas durante seu trabalho como jornalista/editor no periódico *Gazeta Renana*, jornal de cunho liberal e de oposição ao governo absolutista prussiano, porém as examinara sob os pontos de vista filosófico, jurídico e político.⁷

A partir de um caso que cobriu para aquele periódico em 1842, acerca da discussão posta na assembleia legislativa alemã para definir uma legislação sobre se a prática tradicional de colheita de lenha em propriedade privada, por parte dos pobres, configurava-se como furto ou não⁸, Marx daria início em Paris, no ano seguinte, a um estudo mais denso sobre questões de fundo que percebeu abancadas naquele caso: “as contradições na lei e na política que não podiam ser resolvidas no âmbito da sua própria esfera [sic], e a incapacidade de ambas em fornecer soluções para os problemas sociais”⁹.

Conforme o historiador marxista baiano Jacob Gorender, diante da “admitida ignorância” na seara da economia, Marx, esquivando-se de proferir comentários improvisados e infundados, buscou, a partir daí, aprofundar o conhecimento sobre questões econômicas geradoras de conflitos sociais.¹⁰

Assim, seus estudos, até então, especialmente filosóficos, jurídicos e políticos, embora sempre referentes à sociedade, voltaram-se para a **economia política**¹¹; no dizer do citado historiador baiano, para a “ciência das relações materiais de vida”¹².

No que se refere à definição de Economia Política, continuando na companhia de Gorender, podemos entendê-la como a ciência que estuda a **anatomia da sociedade civil**, a qual, por sua vez, compreende “a totalidade das relações materiais

Consultado em 22.05.2020). No que se refere à Ciência Econômica como hoje conhecemos, a Economia Política, sendo uma de suas disciplinas, está inserida no campo da Macroeconomia.

7 MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política**. Disponível em <https://marcellomusto.org/o-encontro-de-marx-com-a-economia-politica/>. Consultado em 23.05.2020.

O periódico *Gazeta Renana* (*Rheinische Zeitung*) citado no parágrafo em Nota, foi uma publicação do século XIX, pertencente à burguesia alemã de Colônia, de orientação liberal, com um cunho editorial reformista pró-democracia. O periódico “provava uma saída para a classe média e intelectuais da região do rio Reno, que cada vez mais se opunham ao autoritarismo do *Estado prussiano*”. O jornal ficou famoso por ter sido editado por Karl Marx (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische_Zeitung. Consultado em 23.05.2020).

8 MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2011, p. 11 e 12 (Apresentação). É certo que os primeiros estudos de Marx em economia remontam à década de 1840, situando nos anos 42/43, de acordo com Mário Duayer na obra e páginas referenciadas, “a decisão de investigar as questões econômicas sob a ótica da economia política”. Desde essa época o filósofo alemão se preocupava com os elos entre economia, política e Estado, sendo que a necessidade do aprofundamento na matéria ficou mesmo patente diante da mencionada discussão posta na assembleia legislativa alemã quanto a se configurar como crime a prática tradicional de coleta de lenha (no caso, galhos secos caídos naturalmente das árvores) em propriedade privada por parte dos pobres.

De acordo com o professor Jean Tible (*in Marx contra o Estado*. Revista Brasileira de Ciência Política. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/5PGDJPDf8J3ZSVj5pQH4kdb/?format=pdf>. Visto em 23.05.2020), frente a disputa colocada no debate “propriedade privada versus costumes”, Marx não teve mais dúvida, se é que a possuía, de que a forma de se perceber o Estado tinha um papel determinante em seu desfecho. Nesse sentido, passa “a criticar a elevação do interesse particular dos proprietários de florestas a interesse geral e questiona o Estado prussiano”, no caso, “por posicionar-se do lado do interesse privado, identificando nesta postura estatal uma grave contradição com a suposta encarnação do Estado como representante do interesse geral” (na mesma direção, Marx também tratou no jornal *Gazeta Renana* do “parcelamento da propriedade fundiária” e do “livre-cambismo versus protecionismo”, questões igualmente discutidas na assembleia legislativa alemã).

9 MUSTO, Marcello. Op. cit. Consultado em 23.05.2020.

10 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017, p. 17 (Apresentação).

11 MUSTO, Marcello. Op. cit. Consultado em 23.05.2020.

12 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I**. Op. cit., p. 22 (Apresentação).

de vida”¹³, sendo seu objeto, conseqüentemente, o estudo das **relações sociais de produção, circulação e distribuição** de bens/serviços, bem assim de **reprodução** da vida material, desenvolvidas no âmbito do modo de produção capitalista.

Revela-nos Jacob Gorender que tal ciência, “criada pelo pensamento burguês”, iniciada com Adam Smith¹⁴, e que atingira com o economista clássico também britânico David Ricardo “a culminância do seu refinamento”¹⁵, já havia sido rejeitada anteriormente por Karl Marx e Friedrich Engels, por verem nela “tão somente a ideologia dos interesses capitalistas”.¹⁶

Não obstante, segundo aquele autor baiano, é provável que o escrito de Engels, *Esboço de uma crítica da economia política* (1844), que focalizava a economia política e as obras dos economistas clássicos britânicos como “expressão da ideologia burguesa da

13 MARX, Karl Heinrich. **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982, p. XI (Introdução).

14 Adam Smith (1723-1790) foi um filósofo e economista britânico nascido na Escócia. Teve como cenário para a sua vida o atribulado *Século das Luzes* (relativo ao [Iluminismo ou Ilustração](#)), o século XVIII. É considerado o precursor da economia política clássica moderna e o mais importante teórico do [liberalismo econômico](#). É o autor de *Uma investigação sobre a natureza e a causa da riqueza das Nações*, ou, simplesmente, *A Riqueza das Nações*, sua obra mais conhecida e que continua sendo usada como referência por gerações de economistas. “O trabalho *Riqueza das Nações* (1776) foi um lançamento de uma nova ciência, pois apenas a partir de Adam Smith a ideologia firma uma temática própria, uma ciência do pensamento econômico: a *Economia Política Clássica*” (grifo nosso). Nessa obra, Smith procurou demonstrar “que a riqueza das nações resultava da atuação de indivíduos que, movidos inclusive pelo seu próprio interesse (*self-interest*), promoviam o crescimento econômico e a inovação tecnológica: ‘não é da benevolência do padeiro, do açougueiro ou do cervejeiro que eu espero que saia o meu jantar, mas sim do empenho deles em promover seu autointeresse’”, afirmou. Assim acreditava que “a iniciativa privada deveria agir livremente, com pouca ou nenhuma intervenção governamental. A competição livre entre os diversos fornecedores levaria não só à queda do preço das mercadorias, mas também a constantes inovações tecnológicas, no afã de baratear o custo de produção e vencer os competidores”. Uma frase desse economista tornou-se famosa: “Assim, o mercador ou comerciante, movido apenas pelo seu próprio interesse (*self-interest*), é levado por uma ‘*mão invisível*’ a promover algo que nunca fez parte do interesse dele: o bem-estar da sociedade” (grifo nosso). Outro aspecto fundamental em Adam Smith é a sua análise da [divisão do trabalho](#) como um “fator evolucionário poderoso a propulsionar a economia”. Smith “não utilizava a divisão de classes, mas partia de uma estrutura baseada na origem da renda obtida e, nesse sentido, os trabalhadores não seriam a classe inferior, mas a *intermediária*, pois seriam os parceiros mais diretos no empreendimento econômico, de tal forma que jamais se poderia violar o sagrado direito de propriedade deles sobre seu trabalho” (grifo nosso) (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith. Consultado em 24.05.2020).

15 David Ricardo (1772-1823) foi um dos mais influentes e importantes expoentes da economia política clássica britânica^[veja nota mais à frente]. Ricardo exerceu uma grande influência tanto sobre os economistas [neoclássicos](#) como sobre a crítica econômica de Marx, com destaque, em relação a este último, para a [teoria do valor-trabalho](#) ricardiana. Os temas abordados em suas obras incluem a teoria do valor-trabalho (considerando que o valor econômico de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho que, em média, é necessário para produzi-la), a teoria da distribuição (analisando as relações entre o lucro e os salários), o comércio internacional (demonstrando que duas nações podem se beneficiar mutuamente do comércio livre, mesmo que uma seja menos eficiente na produção de todos os tipos de bens do que o seu parceiro comercial) e temas monetários (sugerindo, por exemplo, que, em certas circunstâncias, a escolha entre financiar as despesas através de impostos ou através do deficit não terá efeito na economia), além do desenvolvimento da teoria da renda da terra (assinalando que quanto mais terras de menor fertilidade fossem trabalhadas, via agricultura, menor seriam as rendas da economia como um todo, via lucros). A destacada *teoria do valor-trabalho* de David Ricardo, bem como os demais temas mencionados acima, está presente em sua grande obra *Princípios de Economia Política e Tributação* (1817).

Importante mencionar já nesta oportunidade, em vista do papel central que desempenha na construção da crítica de Marx à economia política capitalista, que no tocante à teoria do valor-trabalho ricardiana, sendo ao mesmo tempo um grande crítico e um teórico que procurou compreendê-la por outras perspectivas, Karl Marx a analisa tanto em seu aspecto quantitativo (quantidade de trabalho colocado na mercadoria) quanto qualitativo (condições em que o produto do trabalho humano (sua “capacidade de trabalho”) assume a forma valor), e, por isso, caracteriza a força de trabalho como *mercadoria*. Tal visão foi aprimorada por Marx em suas obras de economia política, com destaque para *O capital*, especialmente no Livro I - *O processo de produção do capital*, como veremos no decorrer da nossa **Expedição Karl Marx** (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo e [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria do valor-trabalho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho). Consultados em 24.05.2020).

16 MARX, Karl Heinrich. **O capital**. Livro I. Op. cit., p. 22 (Apresentação).

propriedade privada, da concorrência e do enriquecimento ilimitado”, tenha transmitido a Marx “o germe da orientação principal de sua atividade teórica: a crítica da economia política enquanto ciência surgida e desenvolvida sob inspiração do pensamento burguês”.¹⁷

Ainda com Gorender, é possível afirmar que tal fato, aliado ao contato que Marx teve com os “ricardianos de esquerda”, de onde teria descoberto “a leitura socialista” da obra de David Ricardo”, culminou na elaboração da assim conhecida “crítica marxiana da economia política”, uma “teoria econômica alternativa, a partir das conquistas científicas dos economistas clássicos”.¹⁸

Prosseguindo seus estudos de economia política, Marx desenvolveu a convicção que a sociedade civil (esfera das necessidades e relações materiais dos indivíduos) era

17 Idem, p. 18 (Apresentação).

A menção no parágrafo em Nota à economia política dos economistas clássicos britânicos leva-nos a fazer uma breve consideração sobre a escola que representam, a Escola Econômica Clássica, ou Escola da Economia Política Clássica Britânica – primeira escola moderna do pensamento econômico (século XVIII), cujos maiores representantes são Adam Smith e David Ricardo. É geralmente aceito que o marco inaugural do pensamento econômico clássico seja a obra *A Riqueza das Nações* (1776) do escocês Adam Smith. Os conceitos dessa Escola giram em torno da noção básica de que os mercados tendem a encontrar um *equilíbrio econômico* em longo prazo, ajustando-se a determinadas mudanças no cenário econômico (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_clássica. Consultado em 24.05.2020).

Em conformidade com o que ensina o professor José Paulo Netto (*in* **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Op. cit. (vídeoaula, minutagem: 1h:18min e seguintes). Consultado em 24.05.2020), a Economia Política, no contexto do processo de surgimento e desenvolvimento do [capitalismo industrial](#) (século XVIII/XIX), notadamente com Adam Smith e David Ricardo, respectivamente, diz respeito a análise dos seguintes pontos: “como se produz a riqueza social [no âmbito dessa nova realidade]; sobre o que a revolução industrial estava pondo no dia a dia [da sociedade]; sobre o que é produzir mercadoria e o que é mercadoria; como se utiliza o trabalho na produção [dessa riqueza] e [...] como a divisão do trabalho dentro da fábrica potencia a produção de mercadoria; como se distribui a riqueza social [produzida no âmbito do modo de produção que se apresenta]; [...] como se dão as transações comerciais entre as nações; como se constitui o fundo público [tesouro público] e como o Estado devia se organizar, a partir de um ideário liberal”, entre outros aspectos. Com essa análise, Smith e Ricardo “descobrem” a existência das “*classes sociais*” modernas, mas não só isso. O ponto de partida desses economistas, continua Netto, é a “análise da *produção*, sendo que na base dessa análise estava a *teoria do valor-trabalho*” (grifo nosso) elaborada por cada um e a seu tempo. Para ambos, “a base da produção da riqueza era o *trabalho*, e não as máquinas nem as técnicas” (grifo nosso), visto que ainda incipientes. Adam Smith e David Ricardo, à luz da economia política, observam a sociedade burguesa nascente e em desenvolvimento, sucessivamente. Tinham em mente “a distinção entre o burguês revolucionário – que trabalha, que organiza a compra e venda, que organiza a fábrica, que gerencia –, e o senhor feudal e o clero, [...] diferenciando [Smith], pela primeira vez, o trabalho produtivo [mecânico] do improdutivo [intelectual]”. Entretanto, como também observa José Paulo, a partir de 1820/1830, as ideias da economia política de Smith e Ricardo, especialmente a teoria do valor-trabalho, vão mudar de mãos: “[...] ‘se é o trabalho que produz valor, por que os trabalhadores estão tão pauperizados?’, questionavam socialistas da época”. Desse modo, a economia política “passa a servir à crítica socialista”, notadamente a partir das crises capitalistas que se sucedem, a começar pela de 1825, agravando-se de 1830 para frente, em um processo cíclico e sucessivo de crises, ainda que num intervalo de cinco e seis anos aproximadamente. Como oposição ao novo rumo que se dava à Economia Política, de acordo com José Paulo Netto, a segunda metade do século XIX (de 1881 em diante) é marcada pela “substituição da economia política por outras formas de conhecimento social, surgindo aí as [Ciências Sociais](#), da qual destacamos a [Economia](#) e a [Sociologia](#). No caso da Economia, o seu marco foi o tratado *Princípios de Economia*, de [Alfred Marshall](#) (1842-1924), publicado em 1890. A partir daí não se fala mais em Economia Política no sentido de Adam Smith e David Ricardo, abandonando-se a teoria do valor-trabalho e as investigações das condições sociais da produção, fixando-se [doravante] nas questões da distribuição”. A essa Economia Marx chamou de “*economia vulgar*”. A nova Ciência Econômica “abandona as condições sociais da produção”, enquanto que a Sociologia passa a examinar a sociedade “prescindindo da economia”. Com as questões socioeconômicas ficando de fora do objeto de estudo das duas ciências, as condições sociais de produção para ambas, conforme encerra José Paulo, passam a ser consideradas uma questão meramente de “ideologia”.

Ottolmy Strauch (*in* **Marshall: Princípios de Economia**. São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982, p. VII e VIII (Introdução)), fazendo menção à “‘Árvore Genealógica da Economia’ traçada por [Samuelson](#) [1915-2009]”, descreve que “Adam Smith, gênio tutelar da escola clássica, gerou David Ricardo, o ‘pai de todos’, que gerou duas correntes opostas: uma, ortodoxa, personificada em [John Stuart Mill](#) (1806-1873) e nos neoclássicos [Léon Walras](#) (1834-1910), [William Stanley Jevons](#) (1835-1882) e Alfred Marshall [economistas da denominada *revolução marginalista*, que, diferentemente da economia política clássica e sua teoria do valor-trabalho, se baseia na ideia de que o valor deriva da *utilidade* do bem/mercadoria e não do trabalho, enfatizando a categoria do valor de uso]”, a qual gerou [John Maynard Keynes](#) (1883-1946), de quem provieram, por sua vez, os ‘*neo*’ e os ‘*pós-keynesianos*’ dos nossos dias; outra, heterodoxa,

a verdadeira base do Estado político, e não o contrário (o Estado como base da sociedade), e percebeu a fundamental e determinante importância do fator econômico nas relações sociais¹⁹. O que, no caso específico do capitalismo, envolve as relações entre as suas principais classes sociais: capitalistas e trabalhadores em geral.

O estudo crítico da economia política tornou-se, assim, o suporte das preocupações científicas de Marx e definiu um novo horizonte do qual nunca abdicaria e que o levou para a investigação sobre as contradições criadas pelo capitalismo e suas consequências.

Sob a ótica da economia política, que implica na análise da interpenetração entre a organização social, a dimensão estatal e a atividade econômica, Karl Marx passou a examinar os problemas sociais da época.²⁰

Em conformidade com José Paulo Netto, para Marx, “fazer a crítica da economia política é resgatar dela os seus conteúdos científicos e expurgar os limites ainda quase mitológicos, como a ‘mão invisível’ [apregoadada por Adam Smith], e as valorações que nela constam, que eram valorações de classe”. A concentração de Marx na economia política advém da descoberta que “a compreensão da sociedade burguesa está hipotecada ao entendimento das condições em que essa sociedade garante a sua reprodução material”.²¹

Ou seja, “para entender a sociedade burguesa, é necessário compreender o modo como se produzem as condições de produção/reprodução da vida social burguesa, que é riquíssima e extremamente diferenciada, desenvolvida e complexa, que envolve da formação para o trabalho ao uso do lazer, a constituição dos imaginários, as expressões estéticas, a organização e desorganização de família e a produção de sensualidades, um horizonte infinito de formas de objetivações humanas”. Aliás, “Marx textualmente afirma que a sociedade burguesa é a mais complexa e diferenciada das formas societárias que os homens produziram até hoje”.

representada por Karl Marx e seus descendentes ‘socialistas científicos’ matizados de hoje. Esses dois ramos dispares e seus rebentos de diferentes graus de legitimidade ou bastardia em relação aos seus respectivos troncos histórico-doutrinários, constituem a teoria e a prática da Economia contemporânea”, conclui Ottolmy. Da abordagem dos neoclássicos, portanto, surgiu a Ciência Econômica, sucessora da Economia Política.

18 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I**. Op. cit., p. 22, 23 e 25 (Apresentação). De acordo com Gorender, “[ricardianos de esquerda](#)” foi o nome dado aos economistas da época que interpretaram “a teoria ricardiana do valor-trabalho e da distribuição do produto social no sentido da demonstração de que a *exploração do proletariado* constituía o eixo do sistema econômico da sociedade burguesa” (grifo nosso).

19 MUSTO, Marcello. Op. cit. Consultado em 24.05.2020. O parágrafo seguinte também foi redigido com base na obra em referência.

A questão sociedade civil e estado político, expressa no parágrafo em Nota, faz parte de uma das críticas de Marx ao filósofo idealista alemão Georg W. F. Hegel, sobre a qual tratamos em nosso arrazoado da obra de Marx, *Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, publicado na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução* (item *Pensamento filosófico*), deste [Blog](#).

20 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_pol%C3%ADtica. Consultado em 24.05.2020. Além de Adam Smith e David Ricardo, os principais autores, antecedentes ou contemporâneos a Marx, que formularam reflexões e teorias econômicas sob a ótica da Economia Política foram: [Jacques Turgot](#) (1727-1781), [Thomas Malthus](#) (1766-1834) – economistas liberais clássicos; e John Stuart Mill – economista revisor das teorias dos clássicos. Igualmente teorizou à luz da Economia Política o filósofo francês Pierre-Joseph Proudhon, com o qual Marx protagonizou um profundo debate, cujas considerações gerais apresentamos em nosso arrazoado da obra crítica de Marx a esse filósofo, *Miséria da Filosofia*, publicado na citada *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução* (item *Pensamento político-ideológico*), deste [Blog](#).

21 NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Op. cit. (videoaula, minutagem: 1h:47min e seguintes). Consultado em 24.05.2020. Os próximos parágrafos também foram redigidos com base na videoaula/minutagem referenciada.

Decorre desse pressuposto, ainda no dizer de José Paulo, que, para Marx, só se pode conhecer a vida social burguesa, “que não se reduz à sua expressão ou condições materiais”, mas não pode prescindir-se dela, “determinando com rigor quais são as **categorias**²² da produção das condições materiais que permitem a vida social” tal como ela é, isto é, “apurando como se cria e distribui o que materialmente suporta a vida social burguesa” (grifo nosso).

Em sua crítica, Marx quer saber “o que na economia política clássica é ciência ou ideologia, para incorporar o que é ciência e fazer avançar a economia política do ponto de vista da teoria do valor e do ponto de vista da análise da produção”.

Finalizando a conceituação do segundo elemento teórico-estrutural da investigação marxiana presente em *O capital*, no dizer do historiador Jacob Gorender, de maneira geral e ampliada, a **teoria crítico-econômica marxiana**, ou a **crítica da economia política** de Marx, coadunando-se com o novo método de estudo da sociedade, da economia e da história, o **materialismo histórico e dialético**, fruto da parceria com Engels, veio a definir o caminho da elaboração e fundamentação científica do **socialismo** proposto por ambos.²³

Quanto ao terceiro elemento da investigação marxiana, a **sociedade burguesa** ou **capitalista**, ou ainda **burguesia**, fizemos uma breve descrição no texto “Burguesia, Proletariado, Luta de classes e Ditadura do proletariado”, disponibilizado na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução* (item *O universo marxiano, principais conceitos*), deste Blog, para onde remetemos o leitor.²⁴

Isso posto, passemos, então, ao quarto elemento, **modo de produção**, e sua conceituação geral.

Em uma definição bem simples, modo de produção é a forma pela qual os seres humanos se relacionam para produzir coletivamente as necessidades da vida e as atenderem, levando-se em conta o estágio de desenvolvimento da atividade econômica de determinada sociedade em dado momento histórico.

Nos termos da Economia Política, modo de produção, sendo a base material da sociedade, é a forma de **organização socioeconômica** relacionada a uma etapa do desenvolvimento das **forças produtivas** e das **relações (sociais) de produção** no âmbito de certa sociedade, em dado momento histórico. Os modos de produção, portanto, “são

22 Em Marx, segundo José Paulo (Idem (videoaula, minutagem: 2h:56min e seguintes). Visto em 24.05.2020), *categorias teóricas* “são formas do [ser](#), são *modos* de existência do [ser social](#)” (grifo nosso). Para Marx “categoria” se distingue de “definição” (com a qual Marx não trabalha, chegando apenas a considerar, embora não centralmente, o manuseio de “conceituação” (no sentido de universalização da categoria), aliás, “por mais uma influência de Hegel”). Para Marx, “categorias não são artifícios intelectíveis para distinguir a realidade, não são constructos do investigador [como então caracteriza uma “definição”], mas sim, modos de existência do objeto (a exemplo do trabalho assalariado, como forma de existência da categoria trabalho – um modo de ser do ser social [sic]). Assim sendo, em Marx, a concepção de teoria e de categoria é ontológica (termo derivado da “[ontologia](#)”, que é a *Teoria do Ser*). Desse modo, Marx produz, como afirma [Georg Lukács](#) (1885- 1971), uma “Teoria do Ser Social”, pois, o seu pensamento teórico tem “uma preocupação ontológica, uma preocupação em relação ao modo de ser e de reproduzir-se o ser social”. Para chegar ao “ser social” marxiano, José Paulo explicita o que é o “ser” e suas modalidades, ressaltando que, embora seja unitário, o “ser” não é identitário, sendo identificado, portanto, em três níveis: o “ser inorgânico”, o “ser orgânico” e o “ser social”, que se diferenciando por suas complexidades possuem especificidades (*in Introdução ao método de Marx (primeira parte)*). Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s> (videoaula, minutagem 1h:59min e seguintes). Visto em 26.05.2020).

23 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I.** Op. cit., p. 22 e 23 (Apresentação).

24 *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, item [O universo marxiano, principais conceitos](#).

formados pelo conjunto das forças produtivas e pelo conjunto das relações de produção, na sua interação”.²⁵

De acordo com o professor Cesar Mangolin de Barros,

“Para Marx, mais importante do que ‘o que’ produz a humanidade num certo momento é ‘**como**’ a humanidade se organiza para executar essa produção. Em outras palavras, para se compreender o conceito de modo de produção é preciso considerar um aspecto central: as relações específicas que são postas em movimento pelos humanos numa dada sociedade, com a intenção de **produzir e reproduzir** sua vida material. Essas relações sociais de produção correspondem a um determinado estágio de desenvolvimento das forças produtivas e, ao mesmo

25 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o. Visto em 26.05.2020. Reportando-nos à definição de *modo de produção* exposta no parágrafo em Nota, detalhamos a seguir os seus componentes:

a) *Forças produtivas*: esta categoria do modo de produção constitui-se da combinação da “força de trabalho humana” com os “meios de produção”. Os *meios de produção* formam um conjunto de recursos composto por meios de trabalho e objetos de trabalho: os meios de trabalho são os instrumentos de produção (instalações prediais (fábricas, armazéns, silos etc.), a infraestrutura (abastecimento de água, fornecimento de energia, transportes etc.) e a tecnologia (telecomunicações, conhecimento técnico, ferramentas, máquinas etc.)); já os objetos de trabalho correspondem aos elementos sobre os quais é aplicado o trabalho humano: recursos naturais (terra, queda d’água, jazidas de minérios...), matérias-primas etc. O outro elemento que compõe as forças produtivas, a *força de trabalho humana*, diz respeito ao número de pessoas com capacidade para participar do processo produtivo, a população economicamente ativa, sendo, o próprio homem, “a principal força produtiva – seu corpo, sua energia, sua inteligência, seu conhecimento”. Uma vez dispondo de todos esses elementos, meios de produção e força de trabalho, “é necessário que o homem se organize socialmente para produzir”. E assim se estabelecem as relações de produção (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas. Consultado em 26.05.2020).

b) *Relações de produção ou relações sociais de produção*: esta categoria do modo de produção diz respeito às “formas como os seres humanos desenvolvem suas relações de trabalho e distribuição no *processo de produção e reprodução da vida material*” [referem-se, por exemplo, às “formas de repartição dos produtos (bens de produção ou bens de consumo), à estrutura de classes e ao regime de propriedade dos meios de produção”]. Para Marx, as relações de produção nas sociedades de classes são “relações entre classes sociais proprietárias e não proprietárias [dos meios de produção]”. Nesse sentido, “as relações de propriedade são expressões jurídicas das relações de produção” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o. Consultado em 26.05.2020). “A História mostra-nos que a um determinado estágio do desenvolvimento das forças produtivas corresponde um tipo determinado de *relações de produção* [também chamadas de *relações sociais de produção*], que são o conjunto de relações estabelecidas pelos homens com vista à produção. Os homens, para produzir, ‘estabelecem uns com os outros laços e relações bem determinadas (segundo Marx, necessárias e independentes da sua vontade): o seu contacto com a Natureza, isto é, a produção, só se efetua no quadro destes laços e destas relações sociais. Estas relações sociais que ligam os produtores uns aos outros [...] diferem naturalmente segundo o carácter dos meios de produção. [...] Isto equivale a dizer que as relações sociais segundo as quais os indivíduos produzem, as relações de produção, se alteram e se transformam com a evolução e o desenvolvimento dos meios materiais de produção, das forças produtivas. As relações de produção, consideradas na sua totalidade, constituem aquilo a que chamam as *relações sociais*’ (Rocher)” (Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais). Consultado em 26.05.2020). De acordo com Gerald A. Cohen (*in Forças produtivas e relações de produção*. Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010, p. 65. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie46Dossie2.pdf. Consultado em 26.05.2020), “As relações de produção são relações de poder econômico sobre a força de trabalho e os meios de produção, de cujo privilégio alguns gozam, enquanto os demais carecem. Em uma sociedade capitalista, as relações de produção incluem o poder econômico que os capitalistas detêm sobre os meios de produção, o poder econômico que os trabalhadores (ao contrário dos escravos) possuem sobre sua própria força de trabalho e a ausência de poder econômico dos trabalhadores sobre os meios de produção”.

Para Marx, “as relações sociais que os homens estabelecem entre si, e que constituem a sua existência social, decorrem das forças produtivas e dos modos de apropriação dos meios de produção. ‘As relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas. Ao adquirir novas forças produtivas, os homens mudam o seu modo de produção e ao mudar o seu modo de produção, a maneira de ganhar a vida, alteram todas as suas relações sociais’ (Rocher)” (Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais). Consultado em 26.05.2020).

Sobre o tema desta Nota, sugerimos o vídeo **Conceitos básicos do marxismo: forças produtivas e relações de produção**, por Gustavo Machado, disponível no Canal Orientação Marxista (YouTube), em <https://youtu.be/8wQZpciKdqc>. Visto em 24.02.2022.

tempo, determinam seu próprio desenvolvimento” (grifo nosso).²⁶

O novo campo científico desvendado por Marx, o **materialismo histórico e dialético**, dentre algumas apreciações fundamentais, trouxe o desenvolvimento da ideia de modo de produção, termo por ele criado, um dos mais importantes conceitos do seu pensamento. “Conhecê-lo”, conforme assinala Cesar Mangolin, “significa compreender parte essencial da obra teórica de Marx e Engels”.²⁷

No prefácio da obra *Para a crítica da economia política* (1859), Marx desenvolveu e conceituou a categoria modo de produção, interligando-a às ideias de formação social e de transição de um modo de produção a outro, o que fez por meio da sua (em parceria com Engels) mencionada concepção materialista e dialética da história:

“O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu de fio condutor aos meus estudos, pode resumir-se assim: na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, **relações de produção** que correspondem a uma determinada **fase de desenvolvimento** das suas **forças produtivas materiais**. O conjunto dessas relações de produção forma a **estrutura econômica** da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a **superestrutura jurídica e política** e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. *O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral* (grifo nosso).

Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência. Ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade se **chocam** com as relações de produção existentes, ou, o que não é senão a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais se desenvolveram até ali. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações se convertem em obstáculos a elas. E se abre, assim, uma época de revolução social. Ao mudar a base econômica, revoluciona-se, mais ou menos rapidamente, toda a imensa superestrutura erigida sobre ela. [...] E do mesmo modo que não podemos julgar um indivíduo pelo que ele pensa de si mesmo, não podemos tampouco julgar estas épocas de revolução pela sua consciência, mas, pelo contrário, é necessário explicar esta consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção. [...] A grandes traços podemos designar como outras

26 BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção**. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf, p. 5 e 6. Consultado em 26.05.2020. em

27 Idem, p. 2. Consultado em 26.05.2020.
O método do “materialismo histórico e dialético”, mencionado no parágrafo em Nota, diz respeito à metodologia inovadora de estudo da sociedade, da economia e da história, elaborado pelos filósofos revolucionários alemães Karl Marx e Friedrich Engels, “consubstanciado na compreensão, interpretação e transformação da realidade”, que permeia a crítica da economia política capitalista e a quase totalidade da produção literária de ambos (in PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/30353>. Consultado em 26.05.2020). No item *Pensamento filosófico*, da *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, deste [Blog](#), apresentamos as linhas gerais e considerações iniciais sobre esse método, visto que tal metodologia será abordada mais a miúdo no decorrer da nossa “expedição”.

tantas épocas de progresso, na formação econômica da sociedade, o modo de produção asiático, o antigo, o feudal e o moderno burguês. As relações burguesas de produção são a última forma antagônica do processo social de produção, antagônica, não no sentido de um antagonismo individual, mas de um antagonismo que provém das condições sociais de vida dos indivíduos. As forças produtivas, porém, que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para a solução desse antagonismo. Com esta formação social se encerra, portanto, a pré-história da sociedade humana”.²⁸

Uma vez dispondo das forças produtivas, considerando as características do trabalho preconizado (seja ele artesanal, manufaturado ou industrial etc.), os homens (agentes da produção), dividindo funções e tarefas, estabelecem entre si relações de produção com vistas ao domínio da Natureza para dela retirar seu sustento e proveito.

A par disso, Marx identificou na formação e desenvolvimento econômicos da sociedade sete modos de produção: o **Primitivo, Asiático, Escravista, Feudal, Capitalista, Socialista e Comunista**²⁹. Tais modos de produção se distinguem entre si, sob o aspecto econômico-social, pela forma da combinação entre as forças produtivas (meios de produção + força de trabalho humana) e as relações de produção (ou relações sociais de produção) respectivas. Nesse sentido, a cada modo de produção estabelecido historicamente corresponde uma estrutura/organização social.

Isso se verifica porque a expansão constante das forças produtivas, quantitativa e qualitativamente, vai modificando as relações de produção, até que, em um dado nível de seu desenvolvimento, as forças produtivas entram em contradição com as relações de produção existentes.³⁰

Na teoria marxiana, tal contradição só pode ser resolvida com a substituição do modo de produção vigente por outro, o que requer, necessariamente, a “quebra radical de paradigmas”. Paradigmas, ressalta-se, não só econômico, mas também social, cultural e político, cuja quebra, conforme Marx e Engels, se dá historicamente por meio da “revolução social”.

Posto isso, sigamos agora para a abordagem, ainda que ligeira, de uma das espécies do gênero modo de produção que aqui nos interessa, o “**Capitalismo**”, quinto elemento da investigação marxiana assentado em *O capital*.

O modo de produção capitalista é uma forma de organização socioeconômica baseada na **propriedade privada dos meios de produção**, em uma **economia de mercado** e na sua operação para **fins lucrativos**.

As características centrais do capitalismo incluem, portanto, a propriedade privada dos meios de produção (os quais não são a mesma coisa de bens pessoais, aqueles destinados

28 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o. Visto em 26.05.2020. Os dois parágrafos seguintes foram redigidos com base no site referenciado, na mesma data.

29 Sobre os modos de produção citados no parágrafo em Nota, salvo o modo de produção capitalista que será explicitado sinteticamente na sequência do texto, veja os links: modos de produção [Primitivo](#), [Escravista](#), [Feudal](#), [Socialista](#) e [Comunista](#). Das formações econômicas pré-capitalistas Marx trata mais detalhadamente nos *Grundrisse*, como veremos em momento próprio desta “expedição”.

30 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas. Consultado em 26.05.2020. O parágrafo seguinte também foi redigido com base no site referenciado.

ao uso, consumo e desfrute do cidadão, que é seu proprietário, sendo sua a livre disposição, a exemplo do carro, roupas, casa etc.), a acumulação de capital, o trabalho assalariado, a troca voluntária e um sistema de preços e mercados competitivos.³¹

Na visão marxiana do surgimento do modo de produção capitalista, a **separação** entre o **agente do processo de trabalho** e a **propriedade dos meios de produção** “constitui condição prévia e indispensável” para sua existência e “lhe marca o caráter de organização social **historicamente transitória**” (grifo nosso).³²

Para Marx, conforme Jacob Gorender, as categorias específicas do modo de produção capitalista não expressam uma “racionalidade supra-histórica, de leis naturais inalteráveis, conforme pensavam os economistas clássicos, mas, ao contrário, seu surgimento tinha data recente e sua vigência marcaria não mais que certa época histórica delimitada”.

De acordo com Gorender, a tese de Marx, demonstrada em *O capital*, é a de que capitalismo, como uma das espécies de modo de produção, “tem existência histórica, de que nasceu de determinadas condições criadas pelo desenvolvimento social e de que criará, ele próprio, as condições para o seu desaparecimento e substituição por um novo modo de produção”.³³

A história do surgimento do capitalismo, mesmo com divergências entre historiadores, geralmente aponta para o noroeste da Europa, especialmente para a Grã-Bretanha e Holanda, nos séculos XV/XVI. O capitalismo gradualmente se tornou o sistema econômico dominante mundialmente. Grande parte da história dos últimos 500 anos preocupa-se com o seu desenvolvimento em suas várias formas.³⁴

31 Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>. Consultado em 30.05.2020.

32 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I.** Op. cit., p. 27 (Apresentação). O parágrafo seguinte também foi redigido com base na obra e página referenciadas.

33 Idem, p. 32.

34 Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_capitalism. Consultado em 30.05.2020.

Embora não seja alvo deste texto e também do nosso projeto de estudo, entendemos como oportuno lançar subsidiariamente uma questão atinente a supostas premissas e regras fixas em boa parte da doutrina econômica relativa à presença de uma eventual pré-condição para o desenvolvimento do capitalismo: a preexistência de relações feudais de produção, ou seja, a preexistência do modo de produção feudal. Na presente Nota trazemos esse debate a partir do contexto *sui generis* do surgimento do capitalismo norte-americano. Flávio Azevedo Marques de Saes e Alexandre Macchione Saes (in **História Econômica Geral**. São Paulo-SP: Editora Saraiva, 2013, item 3.3), dedicando-se aos EUA, pela sua importância no cenário econômico capitalista mundial, destacam que naquele país, [colonizado pelos ingleses no final do século XVI](#), “não houve o estabelecimento de instituições feudais antecedentes ao advento e desenvolvimento local do capitalismo”, levando a crer, que, com isso, pelo menos nesse caso, o surgimento e desenvolvimento do capitalismo prescinde da preexistência de relações feudais de produção. No sentido oposto, conforme o colonista José Luís Fiori (in **O capitalismo americano**. Disponível em <https://outraspalavras.net/geopolitica/eguerre/o-capitalismo-americano/>. Consultado em 30.05.2020), a implementação de instituições típicas do capitalismo nos EUA, embora não da forma como se sucedeu na Europa, face à nobreza e aos senhores feudais, “não se deu fora do sistema geopolítico e econômico europeu”. Pondera esse colonista que, inclusive, “a [Guerra de Independência americana](#) (1776) foi, em grande parte, um capítulo da disputa entre a Inglaterra e a França pela supremacia mundial. Assim mesmo, os EUA acabaram se transformando no único estado nacional extra europeu que nasceu de um império e de uma economia em plena expansão vitoriosa, o império e economia britânicos. Os Estados Unidos foram sempre a principal ‘fronteira de expansão’ do capital financeiro inglês”. A revolução industrial inglesa, continua Fiori, “transformou os Estados Unidos, imediatamente, na primeira periferia ‘primário-exportadora’ de sucesso da economia industrial inglesa. Situação econômica privilegiada que se consolidou e expandiu durante todo o século XIX, enquanto a Inglaterra abria espaços de expansão comercial para sua ex-colônia, e assumia a responsabilidade por cerca de até 60% do investimento direto dentro de todo o território norte-americano, que passou a fazer parte de uma espécie de ‘zona de co-prosperidade [sic]’ anglo-saxônica, ou, até mesmo, em um caso de ‘desenvolvimento a convite’ da Inglaterra”. Conclui o colonista que “o desenvolvimento econômico do capitalismo dos EUA não foi uma exceção, pelo contrário, foi uma parte essencial da expansão e das contradições do sistema interestatal e do capitalismo europeu”, com raízes, ainda que indiretas, no sistema feudal da Europa. De outra banda, mas que contempla também o mesmo tema, embora nele não adentramos quanto ao seu desfecho, há um debate corrente se na obra de Marx “consta ou não uma limitação teórica de premissas e regras fixas

Registra-se que o modo de produção capitalista é constituído por três fases históricas: a primeira fase (do século XV/XVI (Era dos Descobrimentos ou das Grandes Navegações) ao XVIII), o **Capitalismo Comercial** ou **Mercantil**, também denominado por alguns estudiosos de “pré-capitalismo”; a segunda fase (de meados do século XVIII ao XIX), o **Capitalismo Industrial** ou **Industrialismo**; e a terceira fase (século XX/XXI), o **Capitalismo Financeiro** ou **Monopolista**. Já se afirma que vivenciamos, com o início do século XXI, a sua quarta fase, o **Capitalismo Informacional** ou **Capitalismo Cognitivo**.³⁵

O surgimento do Capitalismo Industrial (1760) está relacionado com o advento da primeira revolução industrial (século XVIII/XIX, de 1760 a 1840), estendendo-se até a segunda revolução industrial, evento a partir do qual se registra a **consolidação** do capitalismo como sistema econômico global (século XIX/XX, de 1850 até 1945 (término da segunda guerra mundial))³⁶.

Foi na etapa do Capitalismo Industrial que as classes sociais se dividiram em trabalhadores assalariados (proletariado), proprietários de terra e burguesia industrial (capitalistas).

Dito isso, expostas as linhas gerais do Capitalismo, passemos, então, à conceituação de seu componente central, o **capital**.

Em uma primeira aproximação, reproduzindo a conceituação marxiana, geral e lógica, de capital, a professora Leda Paulani o apresenta como sendo “**um movimento de valorização do valor**” (grifo nosso).³⁷

Ladislau Dowbor³⁸, diante, segundo ele, da complexidade de defini-lo e dos diversos sentidos que se dá ao termo, afirma que a conceituação menos complexa de “capital” é a de “riqueza”. Assim, distingue transferências financeiras de enriquecimento social, diferenciando dinheiro de riqueza³⁹.

quanto à possibilidade de que uma revolução socialista/comunista se dê em países de capitalismo não avançado, sem uma burguesia forte e consolidada, e sem o país ter percorrido o longo percurso que vai da dissolução das relações sociais feudais ao desenvolvimento pleno das relações sociais capitalistas, como a Rússia de 1917” – condições completamente diferentes das que se tinha na Inglaterra da época, país onde Marx supostamente previra que ocorreria a revolução socialista, dali se disseminando para outros países. Quanto a este debate específico, veja o artigo do mestre em filosofia Gustavo Machado intitulado **Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx** (in Revista Verinotio, v. 23 n. 1, 2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/conteudo/0.2494301612017957.pdf>. Consultado em 30.05.2020).

35 Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/capitalismo-industrial/>; https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo_industrial, <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/> e https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos, consultados em 31.05.2020 (Idem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

36 Especificamente sobre as revoluções industriais, veja https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution e https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial (consultados em 31.05.2020).

37 PAULANI, Leda. **Teoria do Valor**. Curso *O capital* de Marx. Curso Livre Marx e Engels. Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s> (minutagem: 1h:05min:26s-1h:08:54s). Visto em 18.05.2021. De acordo com Paulani, conforme consta da videoaula referenciada (mesma minutagem), essa primeira definição de Marx de capital, é extraída da sequência $D - M - D'$ (onde M é igual a mercadoria, D é igual a dinheiro e D' é igual ao dinheiro original acrescido de dinheiro ($D' = D + \Delta D$)). A essa fórmula Marx dá o nome de processo “*comprar para vender*” (grifo nosso). Ou seja, o sujeito, possuindo inicialmente dinheiro, compra uma mercadoria para vender, e não para consumir – nesta hipótese, para que a sequência tenha sentido, é necessário que no final o dinheiro original aplicado na aquisição de uma mercadoria para venda tenha um acréscimo ou expectativa de acréscimo. E a essa sequência Marx chama de “capital”.

38 DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmQGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNlTk3MGEtZmE0Y2Y5YWewNTY1/view?hl=pt_PT. Consultado entre 31.05 e 02.06.2020. Os parágrafos seguintes foram escritos com base na obra referida.

39 Nas palavras da professora Leda Paulani (Op. cit. (minutagem: 45min:50s-48min:25s). Visto em 18.05.2021), *dinheiro*

Para Dowbor, papel-moeda, cheques, cartões de crédito/débito, ações, títulos etc. – dinheiro, em sentido amplo – “são meros instrumentos de transferência de bens e serviços de um indivíduo para o outro. Levam a riqueza a mudar de mãos, mas não criam riqueza nenhuma”.

No dizer do referido professor, riqueza, em termos sociais, é a capacidade de produção de bens e serviços. Diz ele: “Para entender o que é o capital, portanto, devemos partir do **processo de produção**” (grifo nosso). Assim, associa o conceito de capital à produção de riqueza.

Nesse sentido, Ladislau aponta que no processo de produção há a participação do **capital-dinheiro**, ou dinheiro inicial, do **capital-produtivo** e do **capital-mercadoria**, sendo este último o resultado da combinação entre o capital-dinheiro e o capital-produtivo⁴⁰.

Por assim ser, conclui que os três “capitais” são “capital no sentido econômico, na medida em que estão inseridos num ciclo de valorização, num ciclo chamado de **reprodução de capital**, de criação de riqueza” (grifo nosso).

Para o que pretendemos neste arrazoado, a definição de Ladislau nos basta, porém, cabe registrar que o professor em seu escrito continua a conceituação de capital analisando outras formas que o capital assume, sua transformação, quem o cria, quem dele se apropria e com que fins. Aspectos que vamos tratar ao longo do nosso projeto de leitura.

Já no que diz respeito à economia clássica, **capital**, visto como tal as máquinas, equipamentos e instalações, é considerado um dos três fatores de produção, os outros dois são **terra** (terras cultiváveis, floresta, minas e recursos naturais) e **trabalho** (o homem).⁴¹

Em relação à concepção marxiana de “capital”, para efeito deste arrazoado, ficamos com Engels, que já nos adianta ser a visão de Marx completamente distinta e bem mais complexa que a concepção clássica. Disse Engels: “Marx não fez do capital a ideia comumente admitida em economia política, segundo a qual o capital é um conjunto de meios de produção, sendo ele próprio um produto; Marx procura expressar uma ideia histórico-dialética, penetrando no jogo de metamorfoses

para Marx é “uma forma geral ou expressão geral do valor comum a todas as mercadorias. Quando o dinheiro se apresenta como ‘*equivalente geral*’ ele é uma espécie de língua [idioma] comum que todas as mercadorias adotam para dizer o seu valor, e assim se pode comparar uma mercadoria com outras mercadorias. O *preço*, por sua vez, é a expressão do valor na mercadoria que já funciona como dinheiro” (grifo nosso).

Por outro lado, de acordo com o professor Jadir Antunes, para Marx, a “riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista [...] aparece (*erscheint*) como uma ‘imensa coleção de mercadorias’. Por isso, uma pessoa ou país serão considerados tão ou menos ricos quanto mais mercadorias possuírem como sua propriedade. De imediato já podemos perceber os limites deste conceito de riqueza. Segundo esta noção, a riqueza não é considerada um bem interno – como um valor moral ou cultural que deva ser cultivado pelo homem e a sociedade – mas um bem material” (*in A dialética do valor em O capital de Karl Marx*. Disponível

em <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q&esrc=s&source=web&cd&ved=2ahUKEwiF-PzZ4c7yAhXKI7kGHSfbDIAQFnoECAwQAw&url=https%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Fojos%2Findex.php%2Fintuitio%2Farticle%2Fdownload%2F9664%2F8478%2F&usq=AOvVaw051UXferYxYQBfqZb-tU3n>. Consultado em 31.05.2020).

40 O *capital-dinheiro* é a forma em que se transforma o dinheiro quando aplicado produtivamente. O *capital-produtivo* é constituído da mão de obra para fazer a fábrica funcionar, da matéria-prima, a exemplo de couro, pregos, cola etc., e da energia necessária para viabilizar a confecção do produto final, sapatos, por exemplo; bem como dos equipamentos (máquinas, prédio etc.) que a mão de obra utilizará ou fará uso para transformar a matéria-prima. Já o *capital-mercadoria* é o produto ou mercadoria final: em nosso exemplo, os sapatos (DOWBOR, Ladislau. Op. cit. Consultado em 31.05.2020).

41 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fatores_de_produ%C3%A7%C3%A3o. Visto em 31.05.2020.

dos conceitos e da história”.⁴²

Clarificando tal conceito, David Harvey aponta que Marx define capital “como um **processo** [movimento] e não como uma coisa” (grifo do autor). Sendo, pois, “[...] Um **fluxo contínuo de valor** transitando por diferentes estados”⁴³ ou formas (capital-dinheiro, capital-produtivo e capital-mercadoria) (grifo nosso).

A par dos conceitos pinçados da investigação econômica marxiana que realçamos até aqui (crítica, economia política, sociedade burguesa, modo de produção, capitalismo e capital), passemos, enfim, às linhas gerais da obra foco da nossa “caravana” literária, *O capital*.

Karl Marx é considerado o maior crítico da economia política capitalista, seja sob o ponto de vista da Filosofia Política, da Economia e da Sociologia, seja sob o prisma da Ciência Política.

Nessa trilha, o livro *O capital: crítica da economia política*, que ora delineamos, é considerado a mais profunda apresentação de uma investigação crítica socioeconômica do modo de produção capitalista já realizada. O foco da investigação científica marxiana, adianta David Harvey, “é mostrar como se formaram as leis gerais da economia política capitalista, como elas funcionam na realidade, e porque e como poderiam ser alteradas”.⁴⁴

O capital é o marco expositivo do pensamento econômico de Marx, cujo processo de elaboração se alongou por mais de 20 anos, até a publicação do primeiro livro, em 1867, entre estudos, investigações e experimentações científicas, artigos, manuscritos e outras obras publicadas.

De acordo com David Harvey, *O capital* é um escrito “multidimensional”, no sentido que avança em sua concepção num “vasto mundo de experiências, conceitualizado numa grande diversidade de literaturas escritas em muitas línguas, em diferentes lugares e épocas”.⁴⁵

Ainda segundo Harvey, Marx, em sua obra máxima, “combina tradições intelectuais divergentes para criar uma estrutura completamente nova e revolucionária para o conhecimento”. É no trabalho com esse material que, Marx, utilizando seu método crítico, o toma “a fim de transformar o pensamento e o mundo que ele descreve – em algo novo”.⁴⁶

É certo que em *O capital* estão assentadas criticamente três grandes tradições intelectuais e políticas, bem assim estruturas conceituais que para ali convergem: a) a economia política clássica (do século XVII até meados do século XIX), sobretudo a escola britânica (com Adam Smith e David Ricardo, por exemplo); b) a reflexão e investigação filosófica, desde sua origem, com os gregos (Epicuro, Aristóteles, entre outros), até a tradição filosófica alemã de Espinoza, Leibniz, Kant e, principalmente, Hegel, sem deixar de mencionar a filosofia francesa de Rousseau e Descartes, por exemplo; e, c) o socialismo

42 ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring*. Parte II - Economia Política Capítulo VII. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000004.pdf>. Consultado em 31.05.2020.

43 HARVEY, David. *Para entender O capital, Livro II e III*. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014, p. 19.

44 Idem, p. 28.

45 HARVEY, David. *Para entender O capital, Livro I*. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2013, p. 12.

Jacob Gorender (in MARX, Karl Heinrich. *O capital. Livro I*. Op. cit., p. 31 (Apresentação)) expressa que *O capital* é “uma obra de unificação interdisciplinar das ciências humanas [...]. Unificação entre a economia política e a sociologia, a historiografia, a demografia, a geografia econômica e a antropologia”.

46 HARVEY, David. *Para entender O capital, Livro I*. Op. cit., p. 14.

“utópico”, notadamente o francês, principalmente por meio do debate entre Marx e o socialista “utópico” Joseph Proudhon.⁴⁷

Fazendo uma breve análise da convergência dessas três principais linhas conceituais em *O capital*, David Harvey apresenta o objetivo filosófico-metodológico-político-econômico de Marx: a transformação do projeto socialista da época, que Marx se referia como um socialismo “utópico”, em um socialismo “científico”, de maneira a recriar e reconfigurar o próprio método científico de investigação da economia e da sociedade, e não apenas confrontar os socialistas “utópicos” com os economistas políticos.⁴⁸

Um novo método científico de investigação, continua Harvey, que “se funda na interrogação da tradição britânica da economia política clássica, usa as ferramentas da tradição alemã da filosofia crítica e aplica tudo isso para iluminar o impulso ‘utópico’ francês”. Para com esse “arsenal” metodológico responder as seguintes indagações: “o que é o comunismo e como os comunistas deveriam pensar? Como podemos entender e criticar cientificamente o capitalismo, de modo a preparar de maneira mais efetiva o caminho para a revolução comunista?”.

Não obstante o transcrito acima, David Harvey complementa o que afirma alertando que é importante ter em mente o seguinte para o bom proveito da leitura de *O capital*: “Como veremos, *O capital* tem muito a dizer sobre a compreensão científica do capitalismo, **mas não sobre como construir uma revolução comunista**. Também encontramos **poucas informações sobre como seria a sociedade comunista**” (grifo nosso).

Repare nessa observação de Harvey. Ela é muito importante, sobretudo para o iniciante no estudo do pensamento de Karl Marx, até mesmo para se evitar alguma decepção por parte dos adeptos de “obra pronta”.

O capital não explicita ou examina o socialismo e o comunismo, tampouco trata do detalhamento de como alcançá-los, implantá-los e desenvolvê-los no âmbito de dada sociedade, como se fosse uma espécie de “manual da revolução”. *Das Kapital* é uma obra sobre o capitalismo, estuda criticamente a sua formação e desenvolvimento e aponta suas contradições internas que podem/devem levá-lo à superação. Marx foi um teórico do capitalismo, um teórico da crítica da economia política capitalista.

De acordo com Emerson Santiago, Marx, em sua obra maior, que carrega o subtítulo “Crítica da economia política”, tem como objeto “revelar a **lei** econômica do **movimento** da sociedade moderna” – a “sociedade burguesa” (grifo nosso). Ao investigá-la, almeja entender o modo de produção capitalista, que a constitui, chegando a uma “especificidade até hoje inédita de pesquisa, argumentação e relação de dados”.⁴⁹

Nessa direção, o professor José Paulo Netto assume que Marx “não construiu uma Economia”, uma teoria econômica, mais sim uma “**teoria social**” (grifo nosso), com foco na **sociedade burguesa**, a partir da **crítica da economia política**,

47 HARVEY, David. **Para entender *O capital*, Livro I**. Op. cit., p. 14 e 15.

Sobre os filósofos citados no parágrafo em Nota e não referenciados em Nota anterior, veja:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Epicuro>; <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles>;
https://pt.wikipedia.org/wiki/Baruch_Espinoza; https://pt.wikipedia.org/wiki/Gottfried_Wilhelm_Leibniz;
https://pt.wikipedia.org/wiki/Immanuel_Kant; https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel;
https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau e https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes.

48 HARVEY, David. **Para entender *O capital*, Livro I**. Op. cit., p. 16. Os dois parágrafos seguintes também foram redigidos com base na obra e página referenciadas.

49 SANTIAGO, Emerson. Op. cit. Site consultado em 01.06.2020.

cujo marco definitivo é *O capital*.⁵⁰

Levando-se em conta o que filósofo alemão entende como teoria, “um conjunto articulado de explicitações metodológicas acerca de um objeto determinado”, ou, em outras palavras, “a reprodução ideal [na cabeça dos homens] do movimento real [ou efetivo] do objeto [que se investiga]”, Marx, conforme o professor José Paulo, “fez uma teoria da sociedade”. Não uma teoria da “sociedade em geral ou de todas as sociedades”. A sua construção teórica, prossegue o professor Netto, é uma “**teoria da sociedade burguesa** [da sociedade moderna ou capitalista]”, uma sociedade forjada da decadência do feudalismo e do surgimento da produção mercantil, isto é, da produção voltada predominantemente para o mercado e para o enriquecimento dos detentores dos meios de produção (os capitalistas ou burgueses). O conjunto da obra de Marx, portanto, “visa à compreensão da sociedade burguesa [...], *objeto* da sua teoria” (grifo nosso).

Na condição de sujeito que investiga um objeto, que no caso é a sociedade moderna, Marx, a partir de uma elaboração teórica (isto é, no nível das ideias), “quer extrair da realidade o movimento efetivo dela [da própria realidade]”. Em outras palavras: como pesquisador/investigador deseja extrair do objeto sobre o qual pesquisa e investiga (a sociedade burguesa) o seu movimento. Para José Paulo, Marx não elabora “um retrato ou levantamento da realidade”, tampouco produz uma “sistematização de práticas que possam revelar o seu objeto de estudo, que na concepção marxiana do conhecimento não é teoria”. O que Marx realiza é uma “investigação do movimento dessa realidade”. E, assim, “no critério epistemológico marxiano”, elabora uma teoria. Uma Teoria Social.

Nesse sentido, a reprodução ideal que Marx realiza do movimento real do objeto da sua investigação, é, portanto, “a reprodução ideal da **gênese**, do **desenvolvimento**, da **consolidação** e das **condições de crise**, ou de **perecimento**, da sociedade burguesa” (grifo nosso). Essa é a teoria social de Marx, conforme ensina José Paulo Netto.

Lançando os “fundamentos” para o estudo da **sociedade burguesa**, “objeto da sua teoria”, um “**objeto histórico**, efetivo”, que “se engendra, se constitui, com a dominância do **modo capitalista de produção**”, Karl Marx visa compreender essa sociedade em seu “**movimento**”, em sua dinâmica, bem assim observar “as **regularidades universais** ou **leis** desse movimento” (grifo nosso). Assim sendo, construindo uma **teoria social** com objeto determinado, Marx constituiu-se em um “**teórico do capitalismo**”, complementa José Paulo (grifo nosso).

Isso posto, o professor José Paulo Netto arremata que “a teoria social de Karl Marx, dentre vários outros aspectos, embora [Marx] considere o modo de produção capitalista como o mais dinâmico dos modos de produção que a humanidade alcançou até hoje, tem sua dinâmica marcada **necessariamente** por **crises** – não há capitalismo sem crise, elemento constitutivo da dinâmica capitalista”.

Ademais, em Marx, “o desenvolvimento capitalista implica **necessariamente concentração e centralização de capital**”⁵¹ [como que antevendo a denominada terceira fase do capitalismo, o capitalismo financeiro e monopolista, que teve seu ponto alto no processo

50 NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx (primeira parte)**. Op. cit. (videoaula). Site visto em 01.06.2020. Os parágrafos seguintes foram redigidos com base na videoaula em referência, na mesma data.

51 Sobre a diferença entre *concentração* e *centralização* de capital em Marx, veja o texto [Capítulo X — Reprodução do Processo de Concentração e de Centralização do Capital em Escala Mundial \(marxists.org\)](#), de Nikolai Bukharin (1888-1938), consultado em 24.02.2022.

de globalização e seu declínio a partir da crise financeira mundial de 2008^{52]}. Além disso, para o pensador revolucionário alemão, no modo de produção capitalista, “quanto mais se tem o crescimento ou a potencialização da criação de riqueza mais se polariza sua distribuição”.

Retornando com Emerson Santiago, Marx defendia que o capitalismo como organização socioeconômica “era um **modo de produção historicamente transitório** cujas próprias **contradições internas** propiciariam as condições que o levaria à queda, sendo inevitavelmente substituído”(grifo nosso).⁵³

Em *O capital*, “o modo de produção capitalista ilustra a tese geral de Marx de que a realidade é **dialética**” (grifo nosso), indicando que o capitalismo contém **contradições** dentro de si que o poderá levar à sua **superação** por outro modo de produção, no caso, pelo modo de produção comunista, após a transição pelo modo socialista de produção.

Portanto, nesse clássico da Economia Política, Karl Marx mostra as **leis** que regem o **funcionamento e desenvolvimento** do capitalismo, suas **contradições**, e, por conseguinte, suas **crises** e respectivas consequências.

Segundo Bernardo Joffily, ancorado em Marx, se, por um lado, a mudança tecnológica e a introdução de novos métodos de produção fazem parte da própria existência do capitalismo, sendo que a pressão da concorrência força obrigatoriamente os capitalistas a inovarem constantemente e, desse modo, a ampliar as forças de produção; do outro, esse próprio desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo o levará a “crises inevitáveis”.⁵⁴

Para Marx, porém, reportando-nos novamente a Santiago, não existe crise econômica tão profunda da qual o capitalismo não possa recuperar-se, uma vez garantido que a classe trabalhadora “**pague o preço**” (grifo nosso) do desemprego, da deterioração dos padrões de vida e das condições de trabalho. Se uma crise levará a “um estágio mais elevado de produção social”, com a superação do sistema capitalista, isso dependerá da “**consciência, organização e da ação política** da classe trabalhadora” (grifo nosso).⁵⁵

O raciocínio contido em *O capital* “destoava da grande maioria dos tratados econômicos de sua época por privilegiar um ponto de vista dedicado à visão do **trabalhador proletário**”, em contraposição à visão corrente focada no produtor capitalista (detentor do capital).

De acordo ainda com Santiago, Marx, porém, “havia deixado claro em trabalhos anteriores, especialmente no *Manifesto do Partido Comunista*, que não via o capitalismo como um regime danoso e antagônico às suas ideias, mas apenas como um **processo [histórico] temporário** na realização do cenário preconizado em seu raciocínio econômico” (grifo nosso).⁵⁶

52 Sobre a crise de 2008, veja o texto do professor Marcos Costa Lima, **A Crise Financeira de Setembro de 2008 é também uma crise de Paradigma**. Disponível em http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311552140.MC_LIMA1.pdf. Consultado em 01.06.2020.

53 SANTIAGO, Emerson. Op. cit. Site consultado em 01.06.2020. Os dois parágrafos seguintes foram redigidos com base na obra em referência, consultada na mesma data.

54 JOFFILY, Bernardo. **O socialismo é inevitável (!?!)**. São Paulo: Revista Princípio. Ed. Nº 51, 1998. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/51/cat/1491/o-socialismo-%C3%A9-inevit&>. Consultado em 01.06.2020.

55 SANTIAGO, Emerson. Op. cit. Site visto em 01.06.2020 (Idem em relação à redação dos parágrafos seguintes).

56 Ceremos crer que tal afirmação de Emerson Santiago se baseia no contido no Capítulo 1 da obra conjunta de Marx e Engels, *Manifesto do Partido Comunista*, em relação à qual versamos na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx*:

Dito isso, uma vez exposto esse breve panorama da obra maior de Karl Marx, vamos, então, à sumarização dos livros que a compõem.

O capital desdobra-se em quatro livros, a saber⁵⁷: Livro I - *O processo de produção do capital* (1867); Livro II - *O processo de circulação do capital* (1885); Livro III - *O processo global da produção capitalista* (1894); e Livro IV - *Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico* (1905).

De acordo com o geólogo britânico David Harvey, e não só ele, o **Livro I - O processo de produção do capital**, especialmente os primeiros capítulos, “são particularmente difíceis”, e isso se deve, complementa, referindo-se à metodologia marxiana derivada da dialética hegeliana, “ao método utilizado e ao modo singular como [Marx] concebeu seu projeto”.⁵⁸

Segundo Harvey, Marx tem a “intenção de reinventar o método dialético para que este dê conta das relações graduais e dinâmicas entre os elementos que compõem o sistema capitalista. Ele tenciona fazer isso para capturar a fluidez e o movimento, porque, como veremos, a mutabilidade e o dinamismo do capitalismo o impressionam muito”.⁵⁹

No referido Livro I, nos primeiros capítulos, em vez de partir da aparência superficial dos fenômenos econômicos que examina, para então encontrar os conceitos profundos, David Harvey assenta que Marx começa apresentando justamente os conceitos fundamentais.⁶⁰

Já de início, Marx expõe as conclusões a que chegou a partir da aplicação de seu método de investigação, cujos experimentos e análises foram previamente registrados no denominado “laboratório econômico” marxiano: nos *Grundrisse* (os famosos e fundamentais manuscritos econômicos de 1857/1858)⁶¹.

uma introdução (item *Pensamento político-ideológico*), deste [Blog](#), na forma de artigo expositivo.

57 “Falecido em 1883, aos 65 anos, Marx viveu apenas para ver o Livro I publicado (1867), o qual recebeu correções e anotações posteriores do próprio autor, além de traduções para outras línguas”. Os outros dois volumes foram editados e publicados por Engels. O Livro IV, que não fazia parte do projeto original (de 1857) para *O capital*, foi organizado também por Engels a partir dos manuscritos de 1861-1863 deixados por Marx, conhecidos por *Teorias*, os quais contêm a avaliação crítica das teorias econômicas dos seus predecessores economistas clássicos. O Livro IV foi editado/publicado em 1905 por [Karl J. Kautsky](#) (1854-1938), após a morte de Engels (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx e https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels. Consultados em 01.06.2020).

58 HARVEY, David. **Para entender *O capital*, Livro I**. Op. cit., p. 17. Além da questão metodológica apontada por Harvey no parágrafo em Nota, Louis Althusser pontua mais algumas dificuldades que a leitura da obra maior de Marx representa, das quais destacamos duas: uma, a que eleger como “absoluta e maciçamente determinante”, é a “dificuldade ideológica”, isto é, “política” (a “incompatibilidade política entre o conteúdo teórico do livro e as ideias” que uma parte dos leitores “tem na cabeça”); a outra, é a “dificuldade teórica”, que considera natural, dada à complexidade do “problema” em que se debruçou Marx em *O capital*. Conforme podemos inferir do que diz Althusser, é exatamente nas dificuldades teóricas, principalmente em relação às teorias do valor-trabalho e do mais-valor, que a “ideologia burguesa”, ou capitalista, se apoia e “tenta se convencer de que ela ‘refutou’ há muito tempo a teoria de Marx” (in MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I**. Op. cit., p. 41 e 50, 51 e 52 (texto “Advertência aos leitores do Livro I d’*O capital*”)).

59 HARVEY, David. **Para entender *O capital*, Livro I**. Op. cit., p. 21.

60 Idem, p. 18. O parágrafo seguinte também foi redigido com base na obra e página referenciadas.

61 Como estamos a examinar no Artigo Expositivo I deste projeto de leitura (*Seção Principal - Artigos Expositivos da Bibliografia Econômica de Karl Marx*, deste Blog), relativo à obra de Roman Rosdolsky, “Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx”, enquanto no primeiro conjunto de manuscritos econômicos de 1857/1858 (*Grundrisse*) consta o registro inaugural das investigações econômicas de Marx, ou seja, a descrição das investigações, estudos e experimentações do seu “laboratório econômico”, como são considerados esses manuscritos, os resultados das conclusões Marx apresentou em *O capital*. Aliás, é exatamente nesse ponto que se encontra o porquê de acatarmos as recomendações de marxólogos e marxistas de iniciar nossa **Expedição Karl Marx: Para ler *O capital*** a partir dos chamados registros das investigações metodológicas marxianas, visto que, os conhecendo, observaremos a concepção e os experimentos de elaboração e de aplicação da sua metodologia de investigação do modo de produção capitalista, bem assim, os resultados a que chegou.

No livro primeiro – como o próprio título apresenta, Marx analisa o modo de produção capitalista **exclusivamente** do ponto de vista da **produção**, e “não do mercado nem do comércio global”, como normalmente é feito quando se trata de análise do capitalismo. E, nesse rumo, começa trazendo, já na primeira seção do Capítulo 1, a conceituação da forma **mercadoria** (no sentido de coisa tangível (material) e intangível (serviço), final e intermediária (matéria-prima e insumo)) e sua constituição.⁶²

Ao refletir sobre a decisão de Marx de iniciar com a forma mercadoria, Harvey encontra em sua “representação para o modo de produção capitalista e em sua significação na vida das pessoas” a explicação.⁶³

Nessa direção, destacamos a frase de Marx de abertura da sua obra definitiva: “A riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma enorme coleção de mercadorias, e a mercadoria individual como sua forma elementar. Nossa investigação começa, por isso, com a análise da mercadoria”.

Caminhando para o final da sinopse do Livro I, não podemos deixar de contemplar outro conceito fundamental para a análise marxiana da mercadoria: o **fetichismo da mercadoria**. De acordo com a crítica de Marx no âmbito da economia política, “o fetichismo da mercadoria surge como um **fenômeno social e psicológico** onde as mercadorias aparentam ter vontade independente de seus produtores” (grifo nosso).⁶⁴

Segundo Marx, “o fetichismo é uma relação social entre pessoas, mediada por coisas. O resultado é a aparência de uma relação direta entre as coisas e não entre as pessoas. As pessoas agem como coisas e as coisas, como pessoas”.

Ainda no que diz respeito à ideia de fetichismo, na produção e circulação de mercadorias, o sistema de troca “é a única maneira na qual os diferentes produtores isolados de mercadorias se relacionam entre si. Dessa maneira, o valor das mercadorias é determinado de maneira independente dos produtores individuais, e cada produtor deve produzir sua mercadoria em termos de satisfação de necessidades alheias. Disso resulta que a mercadoria mesma (ou o mercado) parece determinar a vontade do produtor e não o contrário”.

Decorre dessa percepção de Marx a explicação para o que ouvimos diariamente na imprensa, a exemplo de notícias que “o mercado ficou de mau humor”, que “o mercado não reagiu bem” ou “reagiu bem” a determinada decisão da autoridade monetária, ou a

Somente após esse passo é que embrenharemos, diretamente, na leitura da obra “expositiva” dos resultados apurados naquele “laboratório”, isto é, em *O capital*, conforme explicitamos na página “Bibliografia e Roteiro de Leitura”, deste [Blog](#), onde apresentamos as obras elencadas para estudo, incluindo a ordem de leitura.

62 HARVEY, David. **Para entender *O capital*, Livro I**. Op. cit., p. 18 e 20.

Com base no que leciona Leda Paulani (Op. cit. (videoaula, minutagem: 32min:30s e seguintes). Visto em 19.05.2021), Marx, modificando a conceituação de Adam Smith de que mercadoria é algo que possui valor de uso (correspondente à sua utilidade) e valor de troca (referente à possibilidade de ser intercambiado), define *mercadoria* como sendo algo que possui *valor de uso* e *valor* (tempo de trabalho socialmente necessário para produzir mercadoria). Diferenciando “valor” de “valor de troca”, Marx não considera este último como elemento definidor de mercadoria, embora confira a esta uma dimensão tríplice: “valor de uso, valor de troca e valor” (grifo nosso). Mais detalhes sobre a definição marxiana de mercadoria veremos preliminarmente no já mencionado Artigo Expositivo I da obra de Roman Rosdolsky “Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx”. Por enquanto, basta sabermos que, em Marx, diferentemente de Smith, mercadoria é aquilo que possui *valor de uso* e *valor*, portanto, algo produzido pelo trabalho humano que possui valor econômico, e, por isso, pode ser intercambiado/trocado no mercado.

63 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital. Consultado em 05.06.2020 (Idem para a redação do parágrafo seguinte).

64 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria. Consultado em 06.06.2020. Os dois parágrafos seguintes foram redigidos com base no site referenciado, visto na mesma data.

determinada decisão política do parlamento ou do governo etc. Do caráter fetichista da mercadoria “resulta o culto ao mercado” da economia moderna (ou da “economia vulgar”, como Marx a denominou), que considera as categorias “oferta” e “procura” como “as determinações fundamentais dos preços das mercadorias”⁶⁵. Por ora, para o propósito deste arrazoado, essa parca noção de fetichismo da mercadoria em Marx nos basta.

No Livro I, Marx concentra-se, como já dito, nos processos e dinâmicas da **produção do capital**, tratando inicialmente, da forma **mercadoria**, seu **valor de uso**, **valor de troca** e seu **valor próprio**.⁶⁶

Dadas as condições necessárias para avançar, Marx, ainda no livro primeiro, passa a explanar sobre a **transformação do dinheiro em capital**, cujo detalhamento desemboca no desenvolvimento da sua **lei do valor**⁶⁷ e da **tese do mais-trabalho**⁶⁸.

A partir da lei do valor, Marx desenvolve a sua **teoria do valor-trabalho**⁶⁹. Da tese do valor-trabalho, produz a **teoria do mais-valor** ou **mais-valia** e suas duas formas

65 Idem. Consultado em 06.06.2020.

66 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital. Consultado em 06.06.2020. Bem resumidamente, pois o tema *valor* também será desenvolvido no Artigo Expositivo I e mais profundamente nas obras de Marx foco do nosso projeto, David Harvey, de acordo com o contido no *site* em referência, assinala que na ótica marxiana *valor de uso* refere-se a algo que é “materialmente útil”. *Valor de troca*, por sua vez, diz respeito à manifestação da mercadoria “como algo cuja utilidade se encontra na sua sociabilidade”, isto é, a possibilidade de ser trocada no mercado está em sua utilidade social. No que se refere a essas duas categorias de valor, não se percebe uma distinção substancial em relação à definição de Adam Smith sintetizada em Nota anterior. Por outro lado, trazendo à tona algo novo que extraí da forma mercadoria, o seu *valor*, Marx o introduz como sendo “a representação do tempo de trabalho abstrato socialmente necessário para produzir esta ou aquela mercadoria”. Explicitando essa descoberta, Leda Paulani (Op. cit. (videoaula minutagem: 54min:23s-1h:2min:48s). Visto em 19.05.2021) afirma que, na condição de herdeiro da economia política clássica britânica, Marx enxerga como “substância desse valor o *tempo de trabalho*” (grifo nosso), mas não o tempo de trabalho do padeiro ou do alfaiate, gasto, respectivamente, para produzir pão ou casaco, por exemplo [o trabalho concreto]. Conforme prossegue Paulani, “este tempo de trabalho socialmente determinado, alocado ou embutido nas mercadorias, é o que Marx chamou de ‘tempo de trabalho abstrato’”. É tempo de trabalho abstrato porque “corresponde a determinadas condições de produção (tecnologia, matéria-prima disponível, infraestrutura de transporte etc.), em dado momento e sociedade, apurado em média, significando que, como padrão, se leve x horas de trabalho para confeccionar bens em geral”. Marx não considera na definição de valor, como um dos elementos constitutivos da mercadoria, “o trabalho de um setor específico”, que denomina de “trabalho concreto” – o trabalho do padeiro para produzir pão, como exemplificamos –, “mas sim o trabalho humano em geral, independente do setor produtivo a que se refira, igualando-se no dia a dia entre si diferentes tipos e complexidades de trabalho, reduzindo o trabalho complexo a trabalho mais simples, visto que toda sociedade e todo mercado faz isso a todo tempo, sendo pois uma abstração real, não levando em conta a forma específica de trabalho segunda a qual esse tempo de trabalho é efetivado”. Embora, para Marx, o trabalho desenvolvido em um setor específico, o trabalho concreto, gere valor de uso, pois produz algo materialmente ou imaterialmente útil (ou potencialmente útil), “o trabalho que produz valor é o trabalho abstrato” (grifo nosso).

67 “A *lei do valor* é a lei econômica da produção mercantil que condiciona a produção e troca de cada mercadoria de acordo com o seu *gasto socialmente necessário de trabalho* [abstrato]”. Desse modo a substância do valor é, portanto, o tempo de trabalho socialmente determinado alocado ou embutido nas mercadorias, conforme abordamos de passagem na Nota anterior (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor. Visto em 06.06.2020).

68 “O *mais-trabalho* é um conceito marxiano que designa o trabalho excedente, medido por sua duração, que ultrapassa o trabalho necessário para a produção dos bens requeridos para manter a existência do trabalhador. Este trabalho adicional é a base do enriquecimento dos capitalistas em forma de mais-valia” (grifo nosso) (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>. Visto em 06.06.2020).

69 “A teoria do *valor-trabalho* [de Marx] parte da ideia de que a atividade econômica é essencialmente coletiva. Assim, o valor econômico de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho abstrato [socialmente determinado] que, em média, é necessário para produzi-la, incluindo aí todo o trabalho anterior (para produzir suas matérias primas, máquinas etc.). Por conseguinte, o valor de uma mercadoria deve reproduzir a quantidade de trabalho nela colocado, sendo o trabalho [abstrato] o *único elemento que realmente gera valor*” (grifo nosso). Desse modo, “Marx amplia o conceito do valor-trabalho da economia clássica colocando-o tanto em seu aspecto quantitativo [quantidade de trabalho incorporado na mercadoria], quanto qualitativo [tempo de trabalho socialmente necessário à produção da mercadoria]. Assim sendo, há em Marx uma ampliação da categoria de valor, operando uma diferenciação substancial entre as categorias preço e valor” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho. Visto em 06.06.2020).

fundamentais, o **mais-valor absoluto** e o **mais-valor relativo**⁷⁰. Feito isso, Marx adentra ao tema **salário**⁷¹ e encerra o livro primeiro de *O capital* com a análise do processo de **acumulação do capital**⁷².

Revela-nos Michael Heinrich que no Livro I Marx estuda: “de onde vem o mais-valor, como ele é aumentado por meio da produção do mais-valor absoluto e do mais-valor relativo e como a transformação do mais-valor em capital engendra um processo de acumulação que conduz, por um lado, ao desemprego e à miséria e, por outro, ao aumento constante da riqueza”.⁷³

Porém, como anuncia David Harvey, no Livro I, Marx deixa de lado o exame de qualquer dificuldade que possa surgir das condições de circulação e realização

70 Grosso modo, *mais-valor* ou *mais-valia* é o termo empregado por Karl Marx para expressar “a diferença entre o valor final da mercadoria produzida e a soma do valor dos meios de produção e do valor do trabalho”; este último, considerado por Marx, como a “*base do lucro no sistema capitalista*” (grifo nosso) (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>. Visto em 06.06.2020). Assim, “A lei da mais-valia é a forma que se manifesta no capitalismo a lei do valor” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor. Visto em 06.06.2020). “Ao analisar a gênese do lucro capitalista, Marx toma como ponto de partida as categorias da Escola Clássica Inglesa: Adam Smith havia observado que o trabalho incorporado em uma mercadoria (o seu custo de produção em termos de salários) era inferior ao ‘trabalho comandado’ (aquilo que a mercadoria podia, uma vez vendida, ‘comprar’ em termos de horas de trabalho). Para Smith, esta discrepância é que explicava a existência do lucro, mas não suas causas. Adam Smith considerava que o lucro estava associado à propriedade privada do capital. Uma das saídas que Smith considera é que lucro é proveniente da oferta e da procura. Ou seja, o lucro é criado pelo mercado. Distancia o lucro (riqueza) do processo de trabalho”. Já para David Ricardo “o salário gravita sempre em torno dos seus níveis ‘naturais’ – isto é, de um mínimo de subsistência fisiológica. Caso, em função de uma escassez de mão de obra, o salário subisse além do nível natural, os operários se reproduziriam de tal forma que a oferta excessiva de trabalho deprimiria de novo os salários ao mesmo nível natural. Para Ricardo, o lucro acabava sendo simplesmente um ‘resíduo’ – aquilo que sobrava como renda do empresário depois de pagos os salários de subsistência e as rendas da terra [...]” (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>. Consultado em 06.06.2020).

O *mais-valor absoluto*, de acordo com Louis Althusser, “diz respeito à *duração da jornada de trabalho*” (grifo nosso), sendo “obtido ou a despeito da legislação existente”, o que significa não respeitá-la, ou “[...], por intermédio da legislação existente (por exemplo, as ‘horas extras’), onde as horas extras”, referindo-se ao seu exemplo, “permitem aos capitalistas extrair o máximo de lucro da ‘produtividade’” (in MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I**. Op. cit., p. 46 (texto “Advertência aos leitores do Livro I d’*O capital*”)).

Já o *mais-valor relativo*, ainda com Althusser (Idem, p. 46 e 47), diz respeito “à *intensificação da mecanização da produção* (industrial e agrícola) e, portanto, ao crescimento da produtividade que daí resulta. A automação é a sua tendência atual. Produzir o máximo de mercadorias pelo preço mais baixo, para extrair daí o máximo lucro, é a tendência irresistível do capitalismo. Naturalmente, ela vem junto com uma exploração crescente da força de trabalho” (grifo nosso), sentencia. O referido filósofo marxista francês relata que a “revolução ininterrupta dos meios de produção”, sobretudo nos instrumentos de produção (tecnologia), que faz parte, aliás, da história do capitalismo, “tem efeitos precisos no agravamento da exploração da força de trabalho (aceleração do ritmo de trabalho, supressão de empregos e postos de trabalho), não apenas para os proletários, mas também para os trabalhadores assalariados não proletários, inclusive para certos técnicos, até mesmo de alto escalão, que ‘não estão mais atualizados’ com o progresso técnico e, portanto, não têm mais valor de mercado: daí o desemprego subsequente”, e a [precarização do trabalho](#), no caso das camadas menos ou não especializadas da força de trabalho, digo eu.

71 Quanto ao tema *salário*, Marx examina, nas palavras de Louis Althusser, a “mistificação burguesa” que declara que o trabalho é pago em conformidade com seu valor, bem assim as diferentes formas de salário: salário por tempo e salário por peça (Ibidem, p. 48).

72 Na última parte do Livro I Marx explica “a tendência do modo de produção capitalista de reprodução e alargamento da própria base do capital”, pondo em realce o mercado mundial como uma totalidade em permanente expansão (Ibidem, p. 49). Juliana Carla, em seu artigo **A Gênese da pauperização da classe trabalhadora na sociedade capitalista** (in Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social. UFSC. Disponível em https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250_3.pdf. Visto em 06.06.2020), apresenta a definição marxiana de *acumulação de capital*, cuja categoria Marx divide em *acumulação primitiva* e *acumulação geral capitalista*. Grosso modo, a *acumulação primitiva* de capital “precede a *acumulação geral capitalista* e constitui o ponto de partida do modo de produção capitalista [sic], sendo o processo histórico de *dissociação do trabalhador de seus meios de produção*, de onde surge os dois atores principais do sistema: o capitalista e o trabalhador [assalariado]” (grifo nosso). Já a *acumulação geral capitalista* “expressa o grau de *exploração do trabalho*, tendo como consequência a pobreza que atinge a classe trabalhadora, ao tempo que garante a expansão, acumulação e reprodução do capital” (grifo nosso). Estes temas serão desenvolvidos em momento específico da nossa “expedição”.

do capital⁷⁴, isto é, a maneira como a mercadoria se movimenta e como “a mercadoria volta a se converter em dinheiro”⁷⁵. Fazendo isso, Marx reserva essa análise para Livro II, como veremos a seguir.

Referindo-se ao *Livro II - O processo de circulação do capital*, Daniel Gomes identifica que ali Marx analisa “o processo do **movimento ininterrupto do capital** que passa sucessivamente por três fases: transformação do **capital monetário em produtivo**, deste em **mercantil** e, de novo, em **capital monetário**” (grifo nosso). Vale dizer: Marx investiga o processo de transformação do capital-dinheiro em capital-produtivo, deste em capital-mercadoria e, de novo, em capital-dinheiro.⁷⁶

73 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro II**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014, p. 17 (Prefácio).

74 HARVEY, David. **Para entender O capital, Livro II e III**. Ob. cit., p. 9. Referindo-se ao processo de circulação na teoria marxiana, Leda Paulani (Op. cit. (videoaula, minutagem: 1h:03min:05s-1h:08:54s). Visto em 19.05.2021) o ilustra como “um grande enredo onde trocas são permanentemente efetuadas (compras e vendas, vendas e compras, sucessivamente)”. Marx identifica inicialmente o processo de circulação em duas formulações, “vender para comprar” e “comprar para vender”: Em relação ao processo “vender para comprar” ou processo da “circulação simples”, para descrevê-lo, Marx usa a sequência $M_{(a)} - D - M_{(b)}$ (onde M é igual a mercadoria e D é igual a dinheiro). Na descrição dessa sequência vê-se que o sujeito vende a mercadoria que está sob seu poder e que dela queira dispor ($M_{(a)}$), trocando-a por dinheiro (D), meio geral de troca ou forma geral do valor, com o fim de comprar uma outra mercadoria que deseja ($M_{(b)}$). Neste caso, “a mercadoria adquirida ($M_{(b)}$) sai do processo de circulação (esfera social) e ingressa na esfera individual do adquirente (esfera privada), que a consome. A esse fluxo Marx denomina de “*circulação simples*”. Quanto ao processo “comprar para vender”, para descrevê-lo Marx usa outra sequência, $D - M - D'$ (onde também M é igual a mercadoria e D é igual a dinheiro, sendo que D' é igual ao dinheiro original acrescido de dinheiro ($D' = D + \Delta D$)). Detalhando tal sequência, temos que o sujeito, possuindo inicialmente dinheiro, compra uma mercadoria para vender, e não para consumir – nesta hipótese, “para que a sequência tenha sentido, é necessário que no seu final o dinheiro original aplicado na aquisição de uma mercadoria para venda tenha um acréscimo ou expectativa de acréscimo”. E a este fluxo Marx denomina de “capital”, um “*movimento de valorização do valor*” (grifo nosso). Dito isso, a professora Leda Paulani observa necessário, com base na *lei da troca de equivalentes* (“valor se troca por valor igual”), que se analise os desdobramentos da última formulação acima (processo “comprar para vender”) para se conhecer como surgiu o valor D' , um valor adicional da mercadoria D. Em vista da lei da troca de equivalentes, “como o processo de circulação de mercadorias não gera valor, pois na esfera da circulação, no que se refere ao valor, toda mercadoria é igual a outra, seja de que espécie for [uma vez que posso trocar café por roupa, a partir do estabelecimento entre os produtores de um e de outro quantidade proporcionais de cada produto aceita por um e outro produtor], como então surge, no mesmo processo “comprar para vender”, uma mercadoria dinheiro D' – um valor adicional em relação ao valor da venda da mercadoria que originou esse adicional? Para o que nos interessa neste momento introdutório do nosso projeto de estudo, o disposto nesta Nota é suficiente como um primeiro contato com o tema. Retornaremos a ele com a amplitude que requer quando da abordagem centrada na teoria do valor-trabalho de Marx em momento específico da nossa “expedição” (Idem (videoaula, minutagem: 1h:8min:54s- 1h:12min:06s). Visto em 19.05.2021).

75 DENVIR, Daniel. **Por que O Capital de Marx ainda importa** (entrevista com David Harvey). Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/11/por-que-o-capital-de-marx-ainda-importa/>. Consultado em 06.06.2020.

76 GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo**, p. 67. Disponível em https://resistir.info/livros/c_gomes_antecedentes_do_capitalismo.pdf. Consultado em 07.06.2020. Nas palavras de Gomes, ainda na obra e página referenciadas, “[...] Este movimento de capital compreende a fase de produção e por duas vezes a fase de circulação. [...] “A produção e a circulação do capital estão organicamente entrelaçadas, não podendo existir uma sem a outra. Nas fases primeira e terceira, o capital funciona na esfera da circulação, na segunda actua [sic] na esfera da produção”. Assim, a primeira fase, esfera da circulação, começa com a antecipação duma determinada soma de dinheiro para adquirir meios de produção e força de trabalho, ou seja, é a *transformação do capital-dinheiro em capital-produtivo*. A segunda, esta na esfera da produção, está relacionada com a *transformação do capital-produtivo em capital-mercadoria*. E a terceira fase, voltando à esfera da circulação, o *capital-mercadoria se transforma, por sua vez, em capital-dinheiro*. Continua Carlos Gomes: “A primeira fase serve de acto preparatório para o autoincremento do capital; na terceira fase realiza-se o valor e a mais-valia criada na produção [segunda fase]. Ao passar por estas três fases da sua movimentação, o capital adopta [sic] sucessivamente três formas: a monetária, a produtiva e a mercantil. Como o fim imediato e insaciável da produção capitalista é obter mais-valia, este movimento de capital não constitui um acto [sic] único, mas uma *repetição ininterrupta* dos processos do ciclo do capital, efectuando-se [sic] assim uma constante rotação” (grifo nosso). Nesse rumo, Ricardo Antunes (*in* MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro II**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014 (Orelha do livro)) explica que, como o objetivo genuíno do capital é valorizar-se, a redução do tempo de sua circulação torna-se essencial. Sendo o “tempo de circulação necessário do capital um limitador do tempo de produção”, torna-se fundamental para o capitalista “reduzi-lo ao mínimo, de modo a encurtar o tempo de rotação total do

Michael Heinrich destaca, e não só ele, que o processo de circulação do capital se encontra “no início e no fim do processo de produção”. Daí que a grande importância do Livro II, complementa, “está sobretudo em apresentar o capital como unidade dos processos de circulação e de produção: o processo de produção do capital como mediado pelo processo de circulação e o processo de circulação como mediado pelo processo de produção”.⁷⁷

Indo ao cerne do livro segundo, David Harvey aponta que Marx inclui uma problemática: o exame das “condições que poderiam fazer com que o valor e o mais-valor potencialmente criados no processo de produção não fossem realizados em forma-dinheiro por meio da troca no mercado”. Ou seja, no Livro II, Marx não considera um processo de circulação “perfeito”, mas sujeito a frequentes instabilidades do mercado e que dificultarão a conversão da mercadoria ofertada em dinheiro, introduzindo na análise o **sistema de crédito**.⁷⁸

Resumindo, Marx analisa no segundo livro como o mais-valor, gerado no processo de produção, circula para extração de “mais” mais-valor e as dificuldades e saídas que encontra para continuar esse movimento. Nesse caminho também inicia o exame das **crises** do capitalismo e sua natureza.

Passando para o próximo livro d’*O capital*, conforme marca a professora Sara Granemann, uma vez examinado nos Livros I e II, respectivamente, o processo de produção do capital e o processo de circulação dos capitais em suas formas distintas e individuais, no **Livro III - O processo global da produção capitalista**, Karl Marx preocupa-se “em capturar o **movimento do capital em sua totalidade concreta**, isto é, o modo como as diferentes formas de capital (pluralidade de capitais) relacionam-se, concorrem e colaboram entre si”.⁷⁹

Segundo Rosa Luxemburgo, enquanto no primeiro livro Marx apura que é da lei do valor, do sistema de salário e da categoria do mais-valor (ou mais-valia) que se conhece de onde vem a riqueza capitalista (qual a fonte do lucro), e que no livro II detecta que para o capitalista não basta obter essa riqueza, não basta extrair o mais-valor produzido, é necessário que dele possa desfrutar e fazê-lo retornar para a produção de “mais” mais-valor, seja por meio do dinheiro que refluí da atividade produtiva, seja por meio do sistema de crédito, garantindo o movimento cíclico permanente do capital individual; no Livro III, Marx investiga como se dá a repartição do mais-valor entre a totalidade dos capitalistas, bem como as dificuldades a ela associadas.⁸⁰

Em síntese, segundo Harvey⁸¹, o terceiro livro versa, portanto, sobre a **distribuição do mais-valor em escala global** – “quanto vai para o proprietário, para o financiador e para o comerciante antes que tudo isso volte para o processo de circulação”.⁸²

capital, que é dado pelo tempo de produção mais o de circulação” para que haja uma maior geração de mais-valor.

77 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro II**. Op. cit., p. 18 (Prefácio). Na mesma direção, Ricardo Antunes assinala que se o mais-valor (ou mais-valia), que decorre do mais-trabalho, “nasce na esfera da produção (Livro I), Marx nos recorda que produção é também consumo, distribuição e troca/circulação” (Idem (Orelha do livro)).

78 HARVEY, David. **Para entender O capital, Livro II e III**. Op. cit., p. 10.

79 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2017 (Orelha do livro).

80 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro III**. Op. cit., p. 20-24 (texto “O segundo e o terceiro volumes d’*O capital*”). No referido texto, Rosa Luxemburgo reflete sobre como o produto do trabalho assalariado se converte por si mesmo em um valor aquém do que efetivamente produziu a mercadoria força de trabalho e em “riqueza ociosa para o capitalista”. Quanto a esta última questão, assinala que “é preciso que essa riqueza [ociosa] se transforme em dinheiro e que o capitalista, além de usá-lo no custeio de um padrão de vida adequado a sua posição, possa utilizá-lo para ampliar incessantemente seu capital”.

81 DENVIR, Daniel. Op. cit. (site consultado em 06.06.2020).

82 Conforme Marcelo Dias Carcanholo, tal distribuição se dá na forma de “lucro, juros [e, por conseguinte, por meio do

Por fim, no **Livro IV - Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico**, Marx analisa as ideias dos **economistas clássicos** anteriores e contemporâneos a ele, relacionadas com a economia política, incluindo considerações sobre **outras teorias do valor e fontes de rendimentos**. Esse livro também traz aspectos não abordados nos livros anteriores, como a questão dos **trabalhos produtivo e improdutivo**.⁸³

A par da totalidade do exposto, trazemos a síntese de José Paulo Netto, reportando ao que Marx empreende teórica e metodologicamente em sua obra maior e definitiva: “Em *O capital* não consta o que Marx pensa do capitalismo, nem as concepções ou ideias que ele tem do capitalismo, mas sim a exposição do **movimento do capital**, isto é, a reprodução teórica [ideal, relativo ao mundo das ideias] do movimento [real] do capital” (grifo nosso).⁸⁴

Muito dos que se debruçam sobre o pensamento econômico que nasce das obras de Karl Marx, particularmente na academia, “o distinguem do marxismo como uma ideologia política, argumentando que a abordagem de Marx para entender a economia [capitalista] é intelectualmente valiosa por si própria, independentemente da defesa de Marx do socialismo revolucionário”. O conjunto da sua obra econômica “é vista como a base para uma abordagem analítica viável e alternativa à economia neoclássica”, o que faz dela, a partir da teoria social que constrói, uma análise “amplamente normativa”, isto é, uma análise prescritiva de como acredita que o mundo deveria ser, levando em conta a dinâmica do desenvolvimento e das contradições da própria organização socioeconômica que investiga, o modo de produção capitalista.⁸⁵

Dito isso, vemos como de bom tom finalizarmos este arrazoado com a reflexão de José Arthur Giannotti: “[...] com a dissolução da União Soviética em 1991, o paradigma do valor-trabalho [de Marx] quase desapareceu do pensamento econômico”, e com ele, a teoria econômica marxiana, digo eu. Porém, continua Giannotti, se “a ciência econômica de hoje se alicerça em outros paradigmas, como explicar, a despeito das idas e vindas das modas atuais do pensar, a permanência do interesse e relevo da crítica de Marx ao capitalismo assentada em *O capital*?”.⁸⁶

sistema de crédito] e renda da terra” (in MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro III**. Op. cit., p. 15 (Apresentação)).

83 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital. Consultado em 06.06.2020.

De acordo com Reginaldo Sant’anna (in MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro IV. Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil S/A, 2ª. Edição, Volume I, 1987, p. 9 e 10 (Nota do tradutor)), o Livro IV diz respeito aos manuscritos econômicos elaborados por Marx entre 1861 e 1863, os quais, conforme Sant’anna, “continuam o trabalho *Contribuição para a crítica da economia política* publicado em 1859”, e, neles, “*Teorias* é a parte mais elaborada”.

84 NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Op. cit. (videoaula, minutagem 3h:09min e seguintes). Consultado em 06.06.2020.

85 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana. Consultado em 01.04.2020. Sobre os termos “abordagem analítica” e “economia neoclássica”, citados no parágrafo em Nota, consulte os sites https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia e https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_neocl%C3%A1ssica.

86 MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I**. Op. cit., p. 73 (texto “Considerações sobre o método”). Igualmente sobre a substância da reflexão oferecida no parágrafo em Nota, leia a entrevista completa de David Harvey para Daniel Devir, **Por que O Capital de Marx ainda importa**, disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/11/por-que-o-capital-de-marx-ainda-importa/>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Jadir. **A dialética do valor em *O capital* de Karl Marx**. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiF-PzZ4c7yAhXKI7kGHSfbDIAQFnoECAwQAw&url=https%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fintuitio%2Farticle%2Fdownload%2F9664%2F8478%2F&usg=AOvVaw051UXferYxYQBfqZb-tU3n>.
- BUKHARIN, Nikolai. **O Imperialismo e a Economia Mundial**. Capítulo X — Reprodução do Processo de Concentração e de Centralização do Capital em Escala Mundial (marxists.org). Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/bukharin/1917/imperialismo/10.htm>.
- BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção**. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf.
- BEZERRA, Juliana. **Fases do Capitalismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>.
- CARCANHOLO, Marcelo Dias. **A importância da categoria valor de uso na teoria de Marx**. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view%20File/11757/8478>.
- CARCANHOLO, Reinaldo A. **Sobre Gênese e estrutura de “O capital” de Karl Marx, de Roman Rosdolsky**. Disponível em <https://pt.calameo.com/read/00014074925811e4f526d>.
- COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção**. Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010, p. 65. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie46Dossie2.pdf.
- DENVIR, Daniel. **Por que O Capital de Marx ainda importa**(entrevista com David Harvey). Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/11/por-que-o-capital-de-marx-ainda-importa/>.
- DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWewNTY1/view?hl=pt_PT.
- DUAYER, Mário. **Aula Grundrisse|III Curso Livre Marx-Engels**(vídeo). Boitempo Editorial, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região e Centro de Pesquisas 28 de Agosto. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jmrnEoaq70>.
- DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse**. São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2012, p. 67. Disponível em https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/37.A_Producao_Teorica_Marx.pdf.
- ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring. Parte II - Economia Política Capítulo VII - Capital e Mais Valia**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1877/antiduhring/cap21.htm>.
- FIORI, José Luís. **O capitalismo americano**. Disponível em <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerre/o-capitalismo-americano/>.
- FONTES, Virgínia; COUTINHO, Carlos Nelson e NETTO, José Paulo. **Palestra Introdução à leitura dos Grundrisse**(vídeo). Editora UERJ, Rio de Janeiro-RJ, 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Xhds6tHvb08>.
- GOIS, Juliana Carla da Silva. **A Gênese da pauperização da classe trabalhadora na sociedade capitalista**. Disponível em https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250_3.pdf.
- GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo**. Disponível em https://resistir.info/livros/c_gomes_antecedentes_do_capitalismo.pdf.
- HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006.
- HARVEY, David. **Para entender O capital, Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2013.
- _____. **Para entender O capital, Livro II e III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.
- ILIENKOV, Evald Vasilievich. **A Dialética do Abstrato e do Concreto em O Capital de Karl Marx. Capítulo 1. A Concepção Dialética e Metafísica do Concreto**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1960/dialetica/01.htm>.

JAPPE, Anselm. **Comentário sobre o livro de Roman Rosdolsky, Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/genese-e-estrutura-de-o-capital-de-karl-marx/>.

JOFFILY, Bernardo. **O socialismo é inevitável (!?!)**. São Paulo: Revista Princípio. Ed. Nº 51, 1998. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/51/cat/1491/o-socialismo-%C3%A9-inevit& aacutevel-!-!.html>.

LAPIDUS, I. e OSTROVITIANOV, K. V. **Conceitos Fundamentais de O Capital Manual de Economia Política**. Livro primeiro: O Valor Regulador do Regime de Produção de Mercadorias Capítulo I - O trabalho, base do valor Capítulo I, Item 6. Trabalho concreto e trabalho abstracto e Item 7. Trabalho individual e trabalho socialmente necessário. Moscou: 1929. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lapidus/1929/manual/index.htm>.

LIMA, Marcos Costa. **A Crise Financeira de Setembro de 2008 é também uma crise de Paradigma**. Disponível em http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311552140.MC_LIMA1.pdf.

MACHADO, Gustavo. **Forças produtivas e relações de produção**. Vídeo. Série Conceitos básicos do marxismo. Canal Orientação Marxista (YouTube). Disponível em <https://youtu.be/8wQZpciKdqc>.

_____. **Rosdolsky: Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. Vídeo. Série Sugerindo Livros. Canal Orientação Marxista (YouTube). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QGvNePeLIYQ>.

_____. **Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx**. Revista Verinotio, v. 23 n. 1, 2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/313/301>.

MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011.

_____. e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.

_____. **O capital. Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.

_____. **O capital. Livro II**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **O capital. Livro III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O capital. Livro IV. Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil S/A, 2ª. Edição, Volume I, 1987.

_____. **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política**. Disponível em <https://marcellomusto.org/o-encontro-de-marx-com-a-economia-politica/>.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx (primeira parte)**. Videoaula. Pós- graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s>.

_____. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Videoaula. Pós- graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DI3Yocu-1oI>.

PAULANI, Leda. **Teoria do Valor. Curso *O capital* de Marx. Curso Livre Marx e Engels**. Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s>.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/30353>.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora, 2011.

SAES, Flávio Azevedo Marques e SAES, Alexandre Macchione. **História Econômica Geral**. Item 3.3. São Paulo-SP: Editora Saraiva, 2013.

SANTIAGO, Emerson. **O Capital**. Disponível em <https://www.infoescola.com/livros/o-capital/>.

SITE DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Capital**. Disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/capital/>.

SITE DICIONÁRIO LIVRE. **Capitalismo. Etimologia**. Disponível em <https://pt.wiktionary.org/wiki/capitalismo#Etimologia>.

SITE ESCOLA do PC do B. **Fichamento de “Introdução (à crítica da economia política)”**. Disponível em http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Cadernos_Formacao/11_CF_I_ntrodCrit_FICHA.pdf.

SITE FILOSOFIA. **História**. Disponível em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=108.

SITE INFOPEDIA. **Relações Sociais**. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais).

SITE WIKIPEDIA. **Adam Smith**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith.

_____. **Aristóteles**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles>.

_____. **Baruch Espinoza**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Baruch_Espinoza.

_____. **Burguesia**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia>.

_____. **Capital**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia)).

_____. **Capitalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>.

_____. **Capitalismo Industrial**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismoindustrial>.

_____. **Classe social**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial>.

_____. **Comunismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>.

_____. **Contribuição à crítica da economia política**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Contribui%C3%A7%C3%A3o_para_a_Cr%C3%ADtica_da_EconomiaPol%C3%Adica. em

_____. **Crise de 1857**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857.

_____. **David Ricardo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo.

_____. **Dialética**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica>.

_____. **Dinheiro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinheiro>.

_____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Do_Socialismo_Ut%C3%B3pico_ao_Socialismo_Cient%C3%ADfico. em

_____. **Economia Clássica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_c%C3%A1ssica.

_____. **Economia marxiana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana.

_____. **Economia Neoclássica**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_neoc%C3%A1ssica.

_____. **Economia Política**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_po%C3%Adica.

_____. **Economicismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Economicismo>.

_____. **Era dos Descobrimentos ou Era das Grandes Navegações**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos. em

_____. **Fetichismo da mercadoria**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria.

_____. **Feudalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo>.

_____. **Forças produtivas**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas.

_____. **Força de trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho.

_____. **Friedrich Engels**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels.

_____. **Gazeta Renana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische_Zeitung.

_____. **Georg W. F. Hegel**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel.

_____. **Hegelianismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianismo>.

_____. **História da Moeda**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda#Hist%C3%B3ria>.

_____. **História do comunismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo. em

_____. **Humanismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>.

_____. **Idealismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo>. em

_____. **Influência sem Karl Marx**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%AÂncia_em_Karl_Marx. em

_____. **Jean-Jacques Rousseau**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau.

_____. **Karl Kautsky**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Kautsky.

_____. **Karl Heinrich Marx**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx.

- _____. **Lei do valor**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor.
- _____. **Lukács**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy_Luk%C3%A1cs.
- _____. **Luta de classes**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes.
- _____. **Mais-trabalho**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.
- _____. **Mais-valia (mais-valor)**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.
- _____. **Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista. em
- _____. **Materialismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo>.
- _____. **Materialismo dialético**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico. em
- _____. **Materialismo histórico**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico. em
- _____. **Marxismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.
- _____. **Meios de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Mercado Livre**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_livre.
- _____. **Mercadoria no marxismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo.
- _____. **Mercantilismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.
- _____. **Metodologia da Economia**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia.
- _____. **Modo de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Modo de produção socialista**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3%A3osocialista>. em
- _____. **Moeda fiduciária**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_fiduci%C3%A1ria.
- _____. **Nova Gazeta Renana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Neue_Rheinische_Zeitung.
- _____. **O capital**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital.
- _____. **O capital – Lei**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capitalei.
- _____. **Padrão ouro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Padr%C3%A3o-ouro>.
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon.
- _____. **Práxis**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.
- _____. **Proletariado**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Reino da Prússia**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%BAssia.
- _____. **Relações de produção**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **René Descartes**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes.
- _____. **Revolução Industrial**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution.
- _____. **Revolução russa de 1917**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917. em
- _____. **Roman Rosdolsky**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Rosdolsky.
- _____. **Segunda Revolução Industrial**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial. em
- _____. **Socialismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>.
- _____. **Socialismo utópico**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico>.
- _____. **Sociedade comunista**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista.
- _____. **Teoria do valor-trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho.

_____. **Valor de troca no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desse%20produtos%20tenha%20sido%20o.

_____. **Valor de uso.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_uso.

SEGAL, L. **O Desenvolvimento Econômico da Sociedade.** Introdução ao Estudo do Marxismo. Rio de Janeiro-RJ: Editora Calvino Ltda. 1945. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/estudo/segal/04.htm>.

STRAUCH, Ottolmy. **Marshall: Princípios de Economia.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

TIBLE, Jean. **Marx contra o Estado.** Revista Brasileira de Ciência Política. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/5PGDJPdf8J3ZSVj5pQH4kdb/?format=pdf>.

VIEIRA, Pedro. **Os duvidosos fundamentos da economia política: o caso da mercadoria força de trabalho.** Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A008.pdf>.

VIEIRA, Zaira Rodrigues. **Althusser e o significado da dialética em Marx.** Disponível em https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiRm4ie94TyAhVzFrkGHR_PDI8QFjABegQIDxAD&url=https%3A%2F%2Frevistas.marilia.unesp.br%2Findex.php%2Fnovosrumos%2Farticle%2Fdownload%2F8231%2F5290%2F27567&usg=AOvVaw.